

UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
DACEC – DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS, CONTÁBEIS,
ECONÔMICAS E DA COMUNICAÇÃO

CAROLINE GONÇALVES BATISTA

**O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO LOCAL NA PRÁTICA DOS DIREITOS
HUMANOS: UMA ANÁLISE DO JA – RBS TV SANTA ROSA**

IJUÍ
2018

CAROLINE GONÇALVES BATISTA

**O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO LOCAL NA PRÁTICA DOS DIREITOS
HUMANOS: UMA ANÁLISE DO JA – RBS TV SANTA ROSA**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Professora Dr^a. Vera Lucia Spacil Raddatz

Ijuí
2018

CAROLINE GONÇALVES BATISTA

**O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO LOCAL NA PRÁTICA DOS DIREITOS
HUMANOS: UMA ANÁLISE DO JA – RBS TV SANTA ROSA**

Trabalho monográfico apresentado à Banca de Defesa, como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Data de aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Vera Lucia Spacil Raddatz (Orientadora)

Professora Ms. Lara Nasi (Banca)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, àqueles que estiveram juntos, apoiando e me ajudando durante os quatro anos de graduação e que vibraram a cada vitória comigo. Em especial aos meus pais, Solange e Lúcio, que foram o alicerce dessa conquista, pois nunca me deixaram desanimar e sempre estiveram ao meu lado, mostrando o quanto eu era capaz, me dando colo quando eu precisava de palavras positivas. Aos amigos de longa data pelas vezes em que estive ausente em suas vidas por motivos acadêmicos; aos amigos e colegas da universidade que fizeram com que a graduação se tornasse mais animada e divertida. Aos professores, parte essencial da graduação, que com muita paciência e dedicação transmitiram os conhecimentos que me fizeram chegar até aqui. À minha orientadora que além de professora se tornou uma mãe a qual os conselhos, os abraços e as palavras foram sempre revigorantes. Obrigada, de coração!

“Jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação.” (Manuel Chaparro)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por finalidade discutir o papel social que o jornalismo possui na sociedade e a maneira como ele contribui para a prática dos direitos humanos. O direito à informação é um direito básico do ser humano, além de também ser garantido por lei através da Constituição Federal Brasileira de 1988. O jornalismo é responsável por manter os cidadãos informados de modo a nortear o pensamento e opinião da população em relação à diferentes assuntos. A vida humana é a matéria prima das produções jornalísticas e as pessoas são parte essencial delas. Para tanto, por meio da análise qualitativa, busca-se compreender a importância do telejornalismo regional e como o programa Jornal do Almoço, da emissora RBS TV Santa Rosa, afiliada da Rede Globo, pauta suas produções, bem como a prática jornalística humanizada contribui para uma vida em sociedade mais justa e de respeito à igualdade de direitos. Dessa forma foram analisados cinco dias de programa, de segunda a sexta-feira, de modo a relacionar o papel social do jornalismo na prática dos direitos humanos.

Palavras-chave: Jornalismo, Direitos Humanos, Jornal do Almoço, RBS TV Santa Rosa, Telejornalismo.

ABSTRACT

The purpose of this final paper is to discuss the social role that journalism has in society and the way it contributes to the practice of human rights. The right to information is a basic right of the human being, as well as being guaranteed by law through the Brazilian Federal Constitution of 1988. Journalism is responsible for keeping citizens informed so as to guide the population's thinking and opinion in relation to different subjects. Human life is the raw material of journalistic productions and people are an essential part of them. To do so, through the qualitative analysis, it is sought to understand the importance of regional television journalism and how the program Jornal do Almoço of RBS TV Santa Rosa, an affiliate of Rede Globo, guides its productions, as well as the humanized journalistic practice contributes to a life in a more just society and respect for equal rights. In this way, five days of program were analyzed, from Monday to Friday, in order to relate the social role of journalism in the practice of human rights.

Keywords: Journalism, Human Rights, Jornal do Almoço, RBS TV Santa Rosa, Telejournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Uso dos meios de comunicação no estado do Rio Grande do Sul.	35
Figura 2 – Região coberta pela RBS TV Santa Rosa.	45
Figura 3 – Transmissão de pauta produzida pela RBS TV para o Jornal Nacional.	47
Figura 4 – Equipe novembro - 2018 RBS TV Santa Rosa.	49
Figura 5 – Jornal do Almoço na plataforma Globo Play.	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Assuntos abordados no decorrer dos blocos analisados	55
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JA	Jornal do Almoço
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
RBS	Rede Brasil Sul
TV	Televisão
FEE	Fundação de Economia e Estatística
ONG	Organização Não Governamental
G1	Globo Notícias

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
2. JORNALISMO, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS	14
2.1 Jornalismo e sociedade: fundamentos e perspectivas	15
2.2 Princípios do jornalismo: ética e cidadania na profissão.....	19
2.3 Jornalismo, direitos humanos e democracia	23
3. JORNALISMO TELEVISIVO E JORNALISMO LOCAL	29
3.1 Jornalismo televisivo	31
3.2 Jornalismo no interior: o local e o regional	35
3.2 O papel do jornalismo humanizado no interior e na formação do público	39
4. JORNALISMO: UMA ANÁLISE DO JA SANTA ROSA	44
4.1 O Jornal do Almoço na RBS TV Santa Rosa	45
4.2 A produção local no JA Santa Rosa	48
4.1 Jornal do Almoço local na perspectiva humanizadora	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
6. REFERÊNCIAS	60

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunicação deriva do termo em latim *communicare*, significa tornar comum, partilhar pensamentos, informações e ideias. O surgimento dela se dá junto com os seres humanos, devido às necessidades que possuíam de partilhar informações entre si. O ato de comunicar é visto como essencial para a convivência e desenvolvimento de uma sociedade. Desde os primórdios, a comunicação é uma ferramenta de interação e passa por diferentes canais, ela serve o ser humano durante toda a sua existência e permite-lhe viver de forma organizada propiciando a sua evolução.

Para a construção do processo comunicacional existir ele precisa passar por alguns canais desde sua emissão. Primeiro é necessário haver um emissor, considerado a fonte inicial do processo, em seguida vem o canal que é responsável pela forma como o receptor receberá a mensagem inicial do emissor, seja por televisão, jornal, rádio, entre outros meios. A mensagem é o que foi dito pelo emissor usando diferentes expressões e signos. Após surge o receptor que é o qual recebe a mensagem emitida pelo emissor. Pode-se dizer que existem três tipos de receptor: passivo, reativo e proativo. Já o *feedback*, última parte do processo, é a resposta do receptor à mensagem do emissor.

O jornalismo então é considerado uma prática social e mesmo com a virada do século e com o advento das tecnologias, algo cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, embora tenha se transformado a forma de produção jornalística, a essência do jornalismo não muda, pois é parte do processo comunicacional e cabe a ele informar para que as pessoas formem suas opiniões e pontos de vista, exercendo assim um papel social. Um dos objetivos do jornalismo é fazer as pessoas pensarem e refletirem criticamente sobre as questões da sociedade de seu tempo, de forma a se tornarem cidadãos mais ativos na realidade.

A humanização nas produções é algo essencial e esse processo cabe ao jornalista, pois a comunicação é algo necessário para o desenvolvimento e sobrevivência da espécie humana, seja ela comunicação verbal, comunicação escrita, comunicação oral ou comunicação não verbal.

O papel social do jornalismo é o tema central deste estudo, analisando como a prática contribui para o desenvolvimento positivo de uma sociedade, pois é através da informação bem apurada e transmitida que a população desenvolve seu pensamento crítico perante assuntos de diferentes esferas. Chega-se a este tema com a convicção que o jornalismo talvez já tenha nascido humanizado e que a sua desumanização também pode ser parte do processo

comunicacional.

Este estudo analisa as produções jornalísticas televisivas desenvolvidas em âmbito local, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul contemplando a emissora de televisão RBS TV Santa Rosa. Para isso foi feita a observação do bloco local do Jornal do Almoço presente dentro do Jornal do Almoço estadual (Porto Alegre) o qual possui aproximadamente a duração de cinco a dez minutos. Essa análise foi realizada no período de 20 a 24 de agosto de 2018, de segunda-feira a sexta-feira.

A presente produção é composta por três capítulos. O primeiro aborda sobre jornalismo e os direitos humanos, o segundo sobre jornalismo televisivo e o terceiro contempla a análise dos resultados obtidos através desse estudo. Os principais autores que fundamentam este estudo são: Heródoto Barbeiro, Paulo Rodolfo de Lima, Vera Raddatz, Nelson Traquina, Victor Gentili, Guilherme Jorge de Rezende e Jorge Kanehide Ijuim.

Uma das hipóteses deste trabalho é de que o jornalismo contribui de maneira efetiva para a vida em sociedade, cumprindo um papel social e sendo responsável por informar e levar conhecimento para os cidadãos de maneira que informando é possível manter suas relações interpessoais e opinar sobre diversos assuntos. Sem o jornalismo a sociedade não se informa e não fica sabendo de fatos que tem por direito saber. O direito à informação é um direito humano, logo o jornalismo cumpre um papel social contribuindo para a efetivação desse direito, bem como busca que a vida em sociedade seja mais fraterna e justa, independentemente de classe social, raça, etnia, orientação sexual, entre outros, tendo em vista uma sociedade mais igualitária.

2. JORNALISMO, ÉTICA E DIREITOS HUMANOS

O jornalismo como definido por Nelson Traquina (2012) pode ser observado como modo de construção social da realidade, pois é através dele que as pessoas ficam sabendo o que acontece em âmbito local, nacional e mundial a partir de abordagens específicas e dos filtros jornalísticos. O jornalismo trata-se de um gênero que mudou muito a sua prática desde o seu surgimento no século XIX até os dias de hoje, porém ainda continua com o objetivo de trabalhar com a informação e produzir conteúdo de interesse da sociedade. Essa prática nasce da capacidade dos seres humanos de compartilharem informações para a evolução e desenvolvimento da sociedade

Um dos principais pilares do jornalismo é a transmissão de informações, não bastando só contemplar o *lead* (o quê, quem, quando, como, onde e por quê), mas elaborar criticamente as produções. A matéria-prima das produções jornalísticas são as histórias dos seres humanos e da vida humana que se transformam em narrativas do cotidiano. Produzir conteúdo com o objetivo de levar conhecimento à sociedade deve ser um dos objetivos, pois a população reproduz e reelabora as informações que consome e a cultura na qual está inserida.

O profissional do jornalismo é responsável pelo processo de produção da notícia, iniciando pela escolha da pauta, a apuração, a formatação do conteúdo mesclando por vezes formatos diferentes em uma mesma reportagem, como por exemplo, texto, vídeo e foto, até a divulgação em massa, tendo assim um papel social perante uma sociedade heterogênea. A imprensa quando relacionada com os direitos humanos cumpre um papel essencial na divulgação das informações. É direito dos cidadãos reconhecer os direitos humanos e dever de toda nação respeitá-los. A mídia tem o poder de selecionar e filtrar as informações antes de repassá-las aos receptores, por isso os profissionais têm o dever de fazer isso com ética.

Neste capítulo abordam-se tais questões, bem como a importância do jornalismo para a formação e conhecimento da sociedade e para o exercício da democracia. Além disso foram usadas obras da área da comunicação para o embasamento teórico, bibliografias de importantes nomes da comunicação, tais como: Heródoto Barbeiro, Henry Jenkins, Nelson Traquina, Manuel Castells, Adelmo Genro Filho, Mauro Wolf, Fernando Resende, Francisco Karam, Cecília Peruzzo, Victor Gentili, Jorge Ijuim, Vera Raddatz, Lara Nasi entre outros profissionais que se dedicam a pesquisar sobre comunicação e jornalismo. Além disso foram analisados o Código de Ética dos Jornalistas e parte da Constituição Federal de 1988.

2.1 Jornalismo e sociedade: fundamentos e perspectivas

A comunicação está relacionada diretamente com o jornalismo e funcionam praticamente como sinônimos. Ela surge nos primórdios com os seres humanos e evolui junto com eles. Mesmo no princípio quando o ser humano não havia desenvolvido a fala, se comunicavam por meio de gestos e desenhos, o que já era considerado comunicação, e que hoje conhecemos por comunicação não verbal. Com o passar dos anos essa comunicação foi se desenvolvendo e se aperfeiçoando até chegar ao modo que temos hoje. A comunicação é essencial para o desenvolvimento e evolução da sociedade, assim como o jornalismo, necessário para haver uma sociedade desenvolvida, informada e crítica.

O jornalismo é considerado uma atividade profissional e também uma prática social que visa a investigar, captar informações e divulgar fatos de interesse público. Tais informações são divulgadas através dos meios de comunicação (jornal, rádio, televisão e meios digitais). O jornalismo no Brasil surge no século XIX junto com a invenção da imprensa, mais precisamente no ano de 1808 quando foram fundados os dois primeiros jornais, o Correio Braziliense datado de 1º de junho, que circulava em Londres, e o Gazeta do Rio de Janeiro, lançada em 10 de setembro do mesmo ano, que circulava em solo brasileiro, por isso ainda hoje há discussões sobre qual deles leva o título de primeiro jornal do país, considerando a data e o local onde cada um circulava.

No Brasil o jornalismo passa por diversas mudanças quando comparado ao exercício dele desde o seu surgimento no século XIX até atualmente no século XXI. Nesse período destacam-se como marcos colaboradores para o exercício do jornalismo, a chegada do telégrafo em 1852, a criação do Rádio em 1923 e a chegada da televisão em 1950. Em 1988 ainda houve a introdução da internet, a qual até hoje vem se inovando e exigindo dos jornalistas e dos veículos de comunicação adaptações para atender as exigências e as demandas da sociedade convergente e tecnológica.

Pela concepção de Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2013) o jornalismo não existe só para informar, ele é uma prática voltada para melhorar a vida humana e também é comprometido com a segurança, o bem-estar e com a democracia. Nelson Traquina (2012) já explica poeticamente que o jornalismo pode ser definido como a vida, apresentada em todas as dimensões como uma enciclopédia. O jornalismo então se caracteriza como a arte de contar “estórias” termo esse proposto por João Ribeiro em 1919, membro da Academia Brasileira de Letras que atribuía o significado dessa palavra como narrativa popular. As narrativas

jornalísticas são construídas como “estórias” e os jornalistas são vistos como os contadores de “estória” em meio a sociedade contemporânea.

A prática jornalística é cumpridora de um papel social, responsável por investigar os fatos e deixar a sociedade a par do que ocorre ao seu redor. Além disso o jornalismo também se destaca por ser encarregado pela produção e divulgação de informações em grande escala, por vezes capazes de influenciar opiniões.

Como afirma Jorge Kanehide Ijuim:

A questão da responsabilidade social parece ser algo consagrado no meio jornalístico. A expressão, que carrega força e impacto, é comumente usada como bordão de campanhas institucionais e/ou mercadológicas de empresas de comunicação. Tal consagração talvez advenha do papel histórico da imprensa de ser tribuna para debates e instrumento de movimentos decisivos que culminaram em conquistas expressivas para a sociedade. O respeito a este papel histórico faz com que tenha destaque em documentos fundamentais dos profissionais de imprensa, como nos Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo. (2009, p.32).

Em meio a uma sociedade convergente não há como fazer jornalismo sem o uso da internet, pois nela a quantidade de informações é intensa e isso exige agilidade do jornalista, bem como que ele seja um profissional híbrido. Conforme Barbeiro e Lima “Nessa nova sociedade em rede, na qual a velocidade é um alicerce do desejo do mercado e os jornalistas, seus construtores, pontifica o jornalismo em tempo real, próprio da era tecnológica” (BARBEIRO, LIMA, 2013, p.91). Dessa forma, o autor trabalha a ideia de atualidade incorporada à instantaneidade.

Na sociedade da convergência as mídias corporativas e alternativas colidem entre si e os poderes dos produtores e dos consumidores se relacionam. Desta forma nada passa despercebido, na convergência das mídias toda história é importante e contada. A convergência pode ser considerada uma transformação cultural, pois é através do fluxo das informações inseridas nas redes que os usuários são incentivados a procurarem novas informações, essa convergência é mais do que apenas uma mudança tecnológica, ela altera-toda a relação entre a tecnologia, o mercado, a indústria, os gêneros e o público. Segundo Jenkins (2008, p. 41) “A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.” Portanto a convergência se refere a um processo em um todo e não apenas a uma parte dele.

As mudanças estruturais pelas quais o jornalismo vem passando nesse século tendem a fazer com que o papel do jornalista seja transformado, dessa maneira é necessário explorar diferentes possibilidades para garantir a sobrevivência da profissão, bem como compreender as

mudanças que a área está atravessando para que os profissionais se posicionem e garantam seus lugares. É necessário se adaptar à convergência midiática de modo a aprender a conviver com a presença dos espectadores/internautas, produzindo notícias em todo lugar e a todo momento, pois para convergir é necessário a abertura de espaço para esses “produtores de notícia” fomentando a cultura participativa, porém continuando com os objetivos principais da prática jornalística.

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo de mídia específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos de mídia e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima. (JENKINS, 2006, p. 325).

Mesmo com toda a convergência e a tecnologia, o jornalismo ainda depende da boa investigação e da apuração dos fatos, pois essa é essência do jornalismo e ela não muda, porém, agregando as potencialidades que a tecnologia oferece. Trata-se de reinventar e não de inventar algo, de criatividade para pensar além do conteúdo.

Vivemos hoje o chamado capitalismo informacional, denominação essa atribuída pelo filósofo Manuel Castells (1999), o qual se refere que a informação passa a ser vista como uma mercadoria por empresas do ramo da comunicação, ou seja, sendo uma possível geradora de lucros, por isso pode-se dizer que o capitalismo financeiro e o capitalismo informacional andam lado a lado. Porém em meio a isso também existem empresas públicas engajadas com os interesses da população, preocupadas com os serviços prestados à sociedade e as notícias divulgadas que não são vistas apenas como produtos.

O que se espera do jornalismo hoje em meio a sociedade heterogênea é que ele seja capaz de propiciar uma ação reflexiva nas pessoas, de modo a criar cidadãos mais ativos e críticos, capazes de refletir e questionar os conteúdos que consomem, influenciando as suas participações junto à sociedade para serem os protagonistas de suas histórias e não apenas coadjuvantes. Um cidadão ativo é aquele que questiona os fatos e acontecimentos que ocorrem ao seu redor. Fazer isso é exercitar a prática da democracia e promover o debate de ideias em espaço público é uma das missões do jornalismo.

Jornalistas precisam estar informados e formados, pois, enquanto colhem notícias, têm de exercer uma atividade intelectual que exige conhecimento, discernimento, reflexão, bom-senso e outras habilidades bem diferentes de apertar botões e repetir, infinitas vezes, as mesmas operações. (BARBEIRO, LIMA, 2013, p. 96).

É necessário que o profissional se preocupe com a transformação social que o exercício do jornalismo proporciona, pois, essa contribuição com a sociedade é mais importante que o lucro que o trabalho traz. O jornalismo tem um compromisso ético com a sociedade e é um dos responsáveis pela evolução da mesma. A população exige do jornalismo uma boa apuração, bem como uma larga divulgação de informações e que estas possuam o máximo de comprometimento com o bem da sociedade.

Para Barbeiro e Lima (2013, p. 184) “os jornalistas têm o compromisso com a notícia, buscam sistematicamente o que entendem ser verdade e desenvolvem suas investigações dentro dos parâmetros da isenção.” A ambiguidade da informação jornalística geralmente apresenta algo que já ocorreu como se ainda estivesse ocorrendo, reconstitui o fenômeno de algo que não está mais sendo vivenciado como se estivesse representando assim o fato original. O jornalismo é construído em dois polos, o ideológico e o econômico. O ideológico se refere ao negócio e o econômico à prestação de serviços públicos. Pela concepção de Traquina (2012) esse jornalismo mantém sua estrutura até hoje desde o século XIX.

O processo de produção jornalística é realizado através de um conjunto de requisitos tendo como suporte o acontecimento e os critérios de noticiabilidade que são definidos por empresas e por vezes pelos jornalistas, levando em consideração o que realmente importa para a sociedade. Iniciando com a pauta sendo escolhida com base no que realmente interessa ao público é realizada a coleta de materiais, isso costuma ser feito indo a campo, pois um bom jornalista é aquele que vai atrás da sua pauta e das suas fontes e não fica apenas sentado esperando as coisas chegarem até ele, o profissional precisa ser eficiente e otimizar o seu rendimento com o pessoal, o formato e o tempo de produção da notícia.

O tempo é ferramenta importante principalmente para o rádio e a televisão, geralmente os jornalistas correm contra o tempo, pois ele pressiona. Está presente na duração do fato, na produção da informação e na veiculação dela, portanto o tempo é o controlador do processo jornalístico e não deve ser visto apenas como ponto negativo, mas sim com desafio no exercício da criatividade, é preciso aprender a lutar contra ele em favor da qualidade dos conteúdos.

A teoria da pirâmide invertida, é a forma a qual a notícia é apresentada desde o início até o fim, é a elaboração dos conteúdos na ordem decrescente da importância dos fatos, o lead geralmente é o primeiro parágrafo que busca ser sintético e leve de modo a tentar prender a atenção de quem está lendo. Já os critérios de noticiabilidade costumam girar em torno do atual, do que desperta curiosidade na população.

A tese da “pirâmide invertida” quer ilustrar que a notícia caminha do “mais importante” para o “menos importante”. Há algo de verdadeiro nisso. Do ponto de vista meramente descritivo, o lead, enquanto apreensão sintética da singularidade ou núcleo singular da informação encarna realmente o momento jornalístico mais importante. Não obstante, sob o ângulo epistemológico - que é o fundamental - a pirâmide invertida deve ser revertida, quer dizer, recolocada com os pés na terra. Nesse sentido, a notícia caminha não do mais importante para o menos importante (ou vice-versa), mas do singular para o particular, do cume para a base. (GENRO FILHO, 1996 p.115).

A organização da notícia não segue uma lógica cronológica, ela busca fazer sentido de maneira textual para um acontecimento. Resende (2006) se refere às narrativas jornalísticas como “uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantêm-se, e, de certa forma, com muitos agravantes por apresentar-se velada” o autor ainda destaca que “trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores, o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido – dispõe de escassos recursos com os quais narrar os factos do quotidiano”. (RESENDE, 2006, p.8) As narrativas jornalísticas possuem efeitos sobre o público e responsabilidade com o real.

O direito de informar, de informar-se, de ser informado e o direito às histórias e fatos em profundidade completam o sentido do direito à informação. O compromisso com a apuração e a ética do tratamento das informações é o que dará legitimidade ou confiabilidade à mídia. O que muda hoje, em relação há uma década atrás, é a acessibilidade e as formas de participação dos cidadãos na mídia tradicional, ou nas mídias sociais digitais. (RADDATZ; NASI, 2017. p.87).

Os jornalistas que trabalham em empresas comerciais precisam aceitar as linhas editoriais que esses veículos possuem estabelecidas, porém mesmo tendo que segui-las o jornalista deixa sua marca no trabalho que realiza no dia a dia. O profissional tende à busca pela inovação, apresentando informações diferentes sobre um mesmo assunto que até já pode ter sido apresentado por outro veículo, mas que visa a trabalhar com a informação no aspecto daquilo que o leitor/telespectador ainda não sabe. Os valores como afirma Wolf (2008) estão presentes em todas as fases da produção, desde a coleta à apresentação. É o que será abordado no próximo tópico deste capítulo.

2.2 Princípios do jornalismo: ética e cidadania na profissão.

No século XIX com o desenvolvimento da imprensa, o primeiro *mass media*, houve a expansão dos jornais e com esse aumento passaram-se a fornecer mais informações, as quais

eram baseadas em fatos deixando de lado as opiniões. O século XIX é considerado a época de ouro da imprensa, como apresenta Traquina (2012), pois nesse período os fatores que contribuíram para isso foram: a evolução do sistema econômico, os aspectos sociais, os avanços tecnológicos e a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade rumo à democracia. Já como marco da evolução jornalística podem-se definir dois elementos: a comercialização das notícias e a profissionalização dos trabalhadores dessa área.

O desenvolvimento da atividade profissional jornalística nas sociedades democráticas está embasado na função social que ela possui, conferindo aos profissionais a responsabilidade na representação da defesa da população. Ao jornalismo e as mídias - os meios de comunicação de massa - foram atribuídos o conceito de quarto poder, comparando aos outros três poderes definidos através da Constituição Federal: executivo, legislativo e judiciário. Segundo Nelson Traquina (2012) tal expressão foi criada pelo escritor Thomas Babington Macaulay, no ano de 1828, pois via a imprensa como a voz da população capaz de promover a defesa dos direitos do povo.

A nomeação de quarto poder se dá pelo fato de as mídias exercerem tantas influências quanto os outros três poderes na sociedade. O objetivo do então quarto poder seria fiscalizar e tornar público informações de modo a propiciar o conhecimento e a formação de opinião da sociedade, assegurando assim a transparência de atividades, econômicas, políticas e sociais. Além de nortear o pensamento da população, os meios de comunicação são responsáveis pelas revoluções sociais.

Barbeiro e Lima (2013, p.42) definem que “os jornalistas e os meios de comunicação não são simples espelhos da sociedade, mas sim seus agentes estruturadores da realidade”. A prática jornalística está diretamente ligada ao processo de construção social da realidade, sendo o jornalismo uma das formas de comunicação central para o discurso público.

A defesa do direito social à informação implica argumentar que a informação, ao construir simbolicamente o mundo, deve expressar a diversidade conceitual com que ele se forma cotidianamente, isso envolve o reconhecimento de que, na própria informação, é necessário que as diversas concepções, versões, culturas e comportamentos estejam presentes. (KARAM, 2014 p.18).

Assim como as demais profissões, o jornalismo é baseado em princípios éticos, possuindo um código deontológico responsável pelo estabelecimento dos direitos e deveres do profissional o ligando claramente ao exercício de um papel social. O principal compromisso do jornalista na prática de sua profissão é com a verdade na narração dos fatos. Considera-se

essencial que o jornalismo cumpra o seu papel social, contribuindo para uma sociedade mais fraterna, justa e humana e de respeito aos direitos humanos.

O ser humano necessita estar inserido no processo informacional de modo a exercer sua plena cidadania, pois é através desse processo que o cidadão se ambienta sobre as questões sociais que o cercam, contribuindo assim para a interação com os demais e a prática inerente do direito humano à informação. Segundo Raddatz “Usufruir do direito à informação é uma maneira de exercitar a cidadania e reconhecer os demais direitos, posicionando-se em relação a eles e rediscutindo-os para a evolução da sociedade” (RADDATZ, 2012, p.307). Nesse sentido é possível definir que o direito social à informação é direito de todos.

O direito social a informação inclui a diversidade de significação do mundo, e dele fazem parte a palavra e a imagem, o jornalismo escrito e a imagem jornalística. E o direito social à informação só tem sentido se for conectado a conceitos e valores, como a liberdade. O caminho para ela não passa pela supressão da informação sobre as coisas que se passam no mundo, mas pela revelação diversa e contraditória do movimento humano. (KARAM, 2014 p.19).

O jornalismo assume um papel essencial no espaço da liberdade democrática sendo o mediador na sociedade contemporânea. O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007), aprovado pela Federação Nacional dos Jornalistas pela primeira vez no ano de 1987 e com sua versão mais recente datada em 17 de setembro de 2007 apresenta como uma das missões dos profissionais da área transferir a realidade e a verdade para a sociedade. O artigo 1º que trata do direito à informação indica que “o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação”, já o artigo 4º define que “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.”

Em todo o código de ética fica nítida a necessidade e o compromisso com a verdade que o profissional precisa ter, bem como o papel social que o jornalismo possui para com a sociedade. Para Barbeiro e Lima (2013, p.25) o jornalista “não pode guardar para si informação de interesse público e tem a obrigação de buscar sempre a isenção. A isenção deve ser encarada como uma luta diária, uma vez que acompanha as transformações contínuas da sociedade”. Portanto, tais transformações estão submetidas às leis capazes de determinarem os processos históricos.

A liberdade e a ética são fatores essenciais em uma sociedade democrática. Peruzzo (2002, p.84) refere-se que “os deveres de cidadania são de responsabilidade de todos envolvidos

com a produção, edição e transmissão de mensagens midiáticas. Ao jornalista cabe o respeito aos princípios éticos”. A autora caracteriza a cidadania como histórica, pois “ela vai agregando dimensões conforme o desenvolvimento histórico da humanidade.” (PERUZZO, 2002 p. 79). Exercer a cidadania então é usufruir dos direitos e deveres que todos os cidadãos têm.

Ao cidadão também cabe o exercício de deveres: desenvolver a criticidade diante da mídia, contribuir na fiscalização da programação, brigar pela instituição de conselhos reguladores e não se calar, ocupando cada vez mais espaços tanto na mídia convencional, como nos meios “alternativos” e de baixa potência ao seu alcance. Em outras palavras, cabe-lhe exercer: primeiro, seus direitos de isonomia – acesso igualitário à informação, aos canais de expressão, à educação, à riqueza e ao conhecimento acumulado pela humanidade; segundo, os seus direitos de isegoria – manifestar-se e debater os temas de interesse social através dos meios de comunicação social. (PERUZZO, 2002 p. 85).

Seguindo a linha de pensamento sobre cidadania Peruzzo (2002, p.81) declara que “o acesso do cidadão como produtor, emissor e gestor da comunicação é um caminho para o exercício da cidadania em sua dimensão cultural”. A autora ainda compara os deveres dos meios de comunicação aos deveres de outras formas de serviços e produtos “da mesma forma que se espera que um medicamento contenha todos os ingredientes de sua fórmula e não seja falsificado, também a informação não pode ser superficial, sensacionalista, tendenciosa, nem falsa.” (p.84) O jornalismo então é uma prática vital para a vida em sociedade, como afirma Victor Gentilli:

Penso o jornalismo como uma atividade indispensável no mundo contemporâneo, como o instrumento que viabiliza o direito à informação, onde os jornais desempenham a função de mediadores e os jornalistas, individualmente, de representantes do leitor, telespectador e ouvinte, como indivíduos, consumidores e cidadãos. Assim as potencialidades do jornalismo podem se realizar num ambiente de democracia, pluralismo e mercado. (GENTILLI, 2005, 142).

A mídia tem um papel a cumprir na transmissão de conhecimentos, e não apenas no repasse de informação, pois os meios de comunicação transmitem conteúdos simbólicos que ajudam a construir a representação da realidade. Através das narrativas jornalísticas são criadas significações capazes de transformar a sociedade, ou seja, as narrativas são vistas também como construtoras do real. O papel dos meios de comunicação é conseguir ir além do informar contribuindo assim para a prática dos direitos humanos e do exercício da democracia, o que será abordado no tópico a seguir.

2.3 Jornalismo, direitos humanos e democracia

O papel do jornalismo no mundo contemporâneo é fornecer informações capazes de servirem de subsídios para a população na tomada de suas decisões, sejam elas decisões políticas, econômicas ou civis, o objetivo do jornalismo é fazer com que as pessoas exerçam a sua cidadania na democracia. Desse modo as narrativas jornalísticas são de suma importância na construção da realidade. A necessidade social da informação que a sociedade possui produz outra necessidade, a de haver o jornalismo e os seus profissionais. O jornalismo então é considerado uma atividade indispensável para o exercício da cidadania, pois ele existe para informar e retratar a realidade além de apresentar o mundo para os seres humanos e os situar nele.

O direito à informação é considerado meio de acesso para outros direitos. Gentilli (2005) trata o acesso à informação como direito indispensável e o jornalismo como categoria institucional capaz de promover aos cidadãos a matéria prima para o exercício de seus direitos. “A informação como direito social é, portanto, toda aquela informação, de sentido social, indispensável para a vida em sociedade”. O autor ainda pontua afirmando que “o direito à informação na perspectiva social deve ser concebido como uma extensão do direito à educação e do direito à saúde, necessárias e úteis para a manutenção da vida humana.” (GENTILLI, 2005, p.14)

Em sua obra *Democracia de massas: Jornalismo e cidadania*, Victor Gentilli descreve o jornalismo como um processo construtivista que deve ser reconhecido como algo inerentemente ligado à sociedade de massa.

Portanto, não se faz aqui o elogio de qualquer jornalismo ou do jornalismo como é feito corretamente. Nem de um jornalismo produzido sem medidas, sem critérios, sem ética, sem compromissos. Mas, sobretudo, de um jornalismo produzido e pensado, conscientemente, para oferecer um mínimo de cognoscibilidade ao mundo contemporâneo, um jornalismo que ofereça aquelas informações que o cidadão tem o direito de receber para que possa exercer plenamente todos os seus direitos. Um direito sem o qual o exercício de outros direitos fica prejudicado. (GENTILLI, 2005 p.12).

Muito se tem questionado a respeito das práticas jornalísticas no século XXI, pois tal profissão teve diversas mudanças. Com o advento da tecnologia o jornalismo precisou se reinventar. Além dos profissionais graduados terem que enfrentar o exercício da profissão por pessoas sem *formação* acadêmica, os chamados jornalistas por vocação, eles são obrigados a conviver com os consumidores de notícias que passam a ser produtores dela, em uma sociedade

informatizada onde todos produzem e consomem informações ao mesmo tempo, o grande diferencial do profissional do jornalismo é fazer um jornalismo humanizado de qualidade e respeito aos direitos humanos.

Um profissional por qualquer que seja sua profissão é um ser humano, então antes mesmo dele ser profissional, precisa estar comprometido com si mesmo, as suas condutas éticas e seus códigos deontológicos baseados na profissão não podem se distanciar do compromisso original do ser humano, portanto antes de ser jornalista se é ser humano.

Fazer jornalismo se torna impossível sem o comprometimento do profissional com a defesa da garantia dos direitos humanos contribuindo assim com a dignidade e defesa da vida humana. O jornalismo tem um compromisso social com a sociedade independente de classe econômica, sexo, cor e religião, o grande objetivo do jornalista é fazer com que os direitos humanos sejam respeitados.

Barbeiro e Lima (2013, p.274) destaca que “os jornalistas precisam estar conscientes de que somente os poderes constituídos democrática e legalmente podem impor ordem à sociedade, e que o poder das autoridades é limitado pela lei e ninguém deve se submeter ao arbítrio” o autor também pontua como dever dos jornalistas “denunciar casos de abuso, ou seja, os direitos humanos devem ser estendidos a todas as camadas da população, e não apenas às elites; em que pesem as violações afrontarem os princípios morais e éticos do jornalista.”

O direito à comunicação não parece ser tangível, embora haja uma clareza na sociedade quanto à sua necessidade como direito humano. Afinal todos desejam cada vez mais expressar-se e comunicar seus pontos de vista. A democratização da comunicação e dos meios, as formas de acesso, a pluralidade de expressão das culturas, a igualdade para informar-se e ser informado, sem discriminação ou exercício de poder sobre os menos privilegiados economicamente, são condições necessárias à horizontalidade da comunicação na esfera pública no sentido de tornar-se um direito social. (RADDATZ, NASI, 2017. p.83).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, enunciada pela Organização das Nações Unidas e publicada em 10 de dezembro de 1948 o 19º o qual define em seu artigo 19 que “Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (ONIC, 2009 p.10). Tal publicação resultou em um diferente referencial deontológico e ético para o jornalismo em si e também para os meios de comunicação de massa.

Na obra *O direito humano à comunicação: Pela democratização da mídia* Pedro Guareschi afirma que a comunicação exerce forte papel nas sociedades e para as pessoas.

“Nenhuma sociedade pode se manter, muito menos se transformar, sem que haja algo que a sustente e a reproduza socialmente. E esse é o papel dos meios de comunicação”. (GUARESCHI, 2013 p.34) O autor apresenta a comunicação como um direito humano, comentando citações de Jean D’Arcy que já se referia à comunicação como direito dos homens.

Virá o tempo em que a Declaração Universal do Direitos Humanos terá de abarcar um direito mais amplo que o direito humano à informação, (...). Esse direito ‘mais amplo’ vai além da pura liberdade de opinião, de expressão, de investigação e de difusão dessas informações. Ele faz parte de seu próprio ser. É um direito que o explicita, o desdobra, o multiplica e o complementa, plenificando o como ser humano. Ser humano é comunicar-se. É uma dimensão intrínseca de seu ser. Todos os demais direitos, poder-se-ia dizer, têm como origem essa dimensão comunicativa do ser humano; e as demais instâncias como a liberdade, a democracia, a política e a ética são impensáveis fora do exercício do direito humano à comunicação. (GUARESCHI, 2013, p. 176).

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 5º no capítulo que se refere aos direitos e deveres do cidadão, individuais e coletivos, traz no parágrafo XIV que “é assegurado a todos o acesso à informação (...)”. Já no capítulo 5 que se refere à comunicação social a constituição assegura “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição (...)” O primeiro parágrafo aborda que “Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social (...)” O jornalismo portanto está relacionado ao cumprimento de um direito constitucional.

A comunicação é essencial para o ser humano e o direito humano a ela também, sem esse direito a democracia se enfraquece. Gentilli (2005) afirma que “a democracia representativa contemporânea tem no jornalismo e na imprensa um de seus elementos constituidores decisivos”. Além de que “a estrutura de comunicações e o estágio de desenvolvimento alcançado pelos jornais são um fator indispensável para o processo de ampliação e alargamento da democracia.” (GENTILLI, 2005 p.142).

Democracia deriva da palavra de etimologia grega *Dēmokratía* que é a junção de dois termos: *dēmos* que significa povo e *kratía* que significa força e poder, ou seja, o poder nas mãos do povo. É um regime político onde prevalece um governo democrático no qual os cidadãos elegem os seus representantes por meio de eleições. Democracia ainda é considerada como regime no qual há liberdade de expressão e associação e onde não existem distinções e privilégios baseados em classes. Na democracia cabe aos cidadãos conhecer os seus direitos e deveres dos quais fazem parte ter acesso à informação e aos canais pelos quais ela é emitida.

Para existir uma democracia é necessário a existência de uma sociedade com padrões

de igualdade e equidade e respeito às diferenças. A sociedade é construída pelos cidadãos e a democracia influencia eles a ter um papel ativo e serem informados para que possam exercer sua cidadania, como já falado anteriormente. Falar em democracia é associá-la à liberdade de expressão e de direito à informação, e essas duas características encontram-se no jornalismo que na democracia é exercido a favor da população para possam formar sua opinião a respeito do contexto no qual são inseridos.

Pode-se dizer que o jornalismo está diretamente associado à democracia e faz parte da construção dela. Não se pode negar a importância da internet nessa prática, ela se tornou um modo de democratização da informação.

O aprofundamento da democracia com as redes sociais se intensifica e, com isso, o jornalismo ganha. Com o suporte da tecnologia, os cidadãos podem participar diretamente do processo de produção da notícia, uma convergência para uma participação direta. Pesquisas e sondagens dão um indício das opiniões do público sobre assuntos relevantes, como eleições, projetos no Congresso, ações de governantes etc. Por isso, são inúmeros os espaços destinados à exposição de opiniões. (BARBEIRO, LIMA 2013 p,74).

Guareschi (2013 p.86-89) citando o sociólogo Herbert de Souza (1996) define cinco princípios fundamentais para que uma democracia atenda as questões da integridade social e superação das divisões e discriminação seja concretizada:

1. Igualdade: É tida um dos princípios fundamentais para uma democracia, pois para uma sociedade ser democrática todos os cidadãos precisam ser vistos como iguais e serem possuidores dos mesmos direitos e deveres. Constitucionalmente todos são iguais independente de raça, sexo, orientação sexual e classe social, portanto é necessário que sejam vistos como tais, de modo que a sociedade não seja dividida e que os preconceitos sejam superados.

2. Diversidade: É necessário respeitar as diferenças dos membros os quais constituem a sociedade. O Brasil, é um país multicultural e multiétnico, ou seja, existem diversas etnias e culturas diferentes espalhadas pelos quatro cantos do país, então é necessário respeitar essas diferenças para conviver de forma saudável com nossos semelhantes, pois assim como citado no item anterior, perante a lei somos todos iguais.

3. Solidariedade: Diz respeito às relações de um indivíduo com o outro e também sobre empatia e sentimentos, pois essa condição é uma das relações mais forte que a sociedade pode viver e desenvolver, ser solidário é colaborar com uma cultura contempladora de fortes sentidos, sensibilidade humana e patriotismo. Na atualidade onde se vê tanto discurso de ódio ser solidário com as pessoas é um enorme diferencial.

4. Participação: Se refere a participação dos indivíduos de modo intenso e global para que todos os seres humanos tenham vez e voz, bem como oportunidades de poderem se manifestar exercendo assim sua cidadania sendo cidadãos ativos e participativos em sua sociedade.

5. Liberdade. É uma conquista diária a qual é mais complexa do que apenas cada qual saber e fazer o que quer, é uma relação onde a liberdade de um indivíduo termina quando a do outro começa, é saber respeitar as decisões que cada um toma pelo seu livre arbítrio, é ser livre e dar poder de autonomia e espontaneidade aos seres.

Em um país onde a democracia é soberana como no Brasil, é indispensável que haja liberdade de imprensa, pois ela é uma grande aliada dos cidadãos. Essa liberdade se refere à autonomia que os indivíduos possuem em publicar e ter acesso a informações por meio dos meios de comunicação, sem que haja interferências, ou seja, censura por parte do Estado. Com essa liberdade é possível veicular nas mídias opiniões e ideologias, em que predominem o princípio da diversidade de segmentos da sociedade e pluralidade de vozes, contribuindo deste modo na formação do senso crítico sobre a realidade. Além disso, a imprensa deve ser comprometida com o interesse público, pois ela é importante no sentido de fazer com que os cidadãos exerçam o direito à informação. Rui Barbosa (1990) afirma que um país onde a imprensa é degenerada é um país cego, doente e de ideias falsas.

A imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe, enxerga o que lhe malfazem, devassa o que lhe ocultam e tramam, colhe o que lhe sonégam, ou roubam, percebe onde lhe alveja, ou nodoam, mede o que lhe cerceiam, ou destroem, vela pelo que lhe interessa, e se acautela do que a ameaça. (...) Já lhe não era pouco ser o órgão visual da nação. Mas a imprensa, entre os povos livres, não é só o instrumento da vista, não é unicamente o aparelho do ver, a serventia de um só sentido. Participa, nesses organismos coletivos, de quase todas as funções vitais. É, sobretudo, mediante a publicidade que os povos respiram. (BARBOSA, 1990, p.20-21).

Raddatz (2014) considera que o direito à informação, seja ele garantido ou não pelo Estado precisa ser incentivado e discutido pela sociedade, para que assim a liberdade de expressão seja exercitada pela pluralidade de cidadãos. Há diferenças entre liberdade de imprensa e liberdade de expressão, é necessário compará-las.

A liberdade de imprensa já explicada e exemplificada acima, se relaciona com a liberdade de expressão, pois também se refere à manifestação de ideias, pensamentos e opiniões, trata-se de um direito fundamental para haver democracia. Ainda é possível definir como direito de informar e de ser informado. A liberdade de expressão garante um direito

individual de cada cidadão, já a liberdade de imprensa é um direito mais amplo, garantindo liberdade para veículos de comunicação no geral. Para que tais liberdades fossem alcançadas foi necessária muita luta, por isso é necessário que elas sejam praticadas com muita ética e discernimento.

Portanto o jornalismo possui um compromisso com as informações as quais ele fornece, mesmo que possuidores das liberdades de imprensa e de expressão, o jornalismo precisa prestar um serviço de qualidade, pois é através dele que os cidadãos se informam, adquirem conhecimento de mundo e conseqüentemente se tornam mais ativos na sociedade o que é essencial para o exercício da cidadania, bem como para o fortalecimento da democracia.

O próximo capítulo se refere ao jornalismo televisivo e ao jornalismo local, abordando questões sobre o surgimento da televisão no Brasil, a importância do meio televisivo no dia a dia das comunidades regionais, o jornalismo local e o surgimento da emissora televisiva RBS TV, afiliada da Rede Globo, no município de Santa Rosa.

3. JORNALISMO TELEVISIVO E JORNALISMO LOCAL

A televisão surge no Brasil no século XX, oficialmente no dia 18 de setembro de 1950 com a fundação da TV Tupi em São Paulo, a primeira emissora de TV no Brasil e na América Latina. Esse veículo chega ao país por iniciativa do jornalista Francisco de Assis Chateaubriand, dono de um império jornalístico. Chatô, como era conhecido, com o objetivo de fazer com que a televisão entrasse no ar convidou radialistas para realizarem treinamentos e posteriormente produzirem a programação televisiva. Acostumados com técnicas, rapidez e improviso os profissionais não tiveram muitos problemas de adaptação ao novo veículo.

O jornalismo na então TV Tupi teve início com o Repórter Esso, que ficou no ar no período de 10 de abril de 1952 até 31 de dezembro de 1970. O Repórter Esso foi o primeiro programa jornalístico, ele apresentava notícias nacionais e internacionais enviadas por agências, não se limitando apenas à inserção das notícias de recortes de jornais.

A TV foi o meio sucessor do rádio, não que tenha acabado com o anterior, muito pelo contrário, mas foi um aprimoramento do mesmo. Conforme afirma Guilherme Jorge de Rezende (2000 p.39), “No plano ainda meramente teórico, a televisão resolveria os três problemas básicos da comunicação, o do tempo (pelo imediatismo), o do espaço (pela instantaneidade e ubiquidade) e o do símbolo (pela universalidade da linguagem visual).”

Falar de televisão é falar de Brasil, o meio televisivo é uma das mídias mais presentes na vida da população brasileira, em algum momento do dia os brasileiros recorrem à TV, seja por entretenimento, informação ou conhecimento. Além de que muitos têm na televisão uma companhia, para não se sentir sozinho, por vezes até mesmo respondendo o que é perguntado durante as programações, interagindo de modo positivo com a mídia. A televisão leva o “mundo” através de uma tela, ligando tempo e espaço independentemente da origem da emissão das notícias.

A televisão é um fenômeno de massa de grande impacto na vida social. É um dispositivo audiovisual através do qual a sociedade pode divulgar os seus feitos, anseios, sonhos e crenças para toda a humanidade. A TV é o meio capaz de prender a atenção de todos os clientes de uma padaria, das pessoas que passam na frente de lojas de departamentos, e faz com que o trânsito das grandes cidades desafogue no momento em que a seleção entra em campo nos jogos da copa do mundo, e os motoristas que não foram para casa param no primeiro posto de gasolina ou bar para ficarem de olho na telinha. Por isso o seu acervo de obras importantes é tão grande quanto o acumulado por qualquer outro meio de comunicação. (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 15).

O meio televisivo consegue penetrar diferentes camadas sociais e se tornar um elemento influenciador no modo de pensar da população. Comparado aos outros veículos de comunicação por facilidade de acesso, a televisão ocupa um lugar privilegiado, pois para boa parte da população, além do rádio, este é um dos únicos modos pelos quais é possível conectar-se às notícias e se situar nos últimos acontecimentos seja em âmbito local ou além.

Nota-se a importância que o telejornalismo possui no dia a dia das comunidades, quando os assuntos noticiados nos telejornais viram objetos de comentários e discussões entre cidadãos. As programações veiculadas nas emissoras de televisão, independente das localizações geográficas, geralmente possuem dois níveis: o local e o regional, oferecendo ao telespectador informações, por exemplo, sobre o estado e a região na qual o habitante se encontra, levando por vezes também, esclarecimento de assuntos de interesse público.

Os telejornais então se diferenciam do jornal impresso, pelo fato de no jornal físico o leitor poder escolher qual sessão ou matéria quer ler, como afirma Rezende:

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado a leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la, enquanto espera a novela. Em relação aos meios impressos, acontece o contrário: O leitor só lê o que lhe interessa. É justamente por causa desse telespectador passivo que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação. (REZENDE, 2000, p.24).

O telejornalismo pode ser considerado como um norteador do senso de realidade, pois muitas pessoas o utilizam para ficar sabendo dos acontecimentos ao seu redor e para conseguirem se relacionar e se comunicar sobre o presente com outras pessoas. “O telejornal precisa ser claro, didático e compreensível para quem liga a TV. Isso impede a submissão, ou seja, a exibição de notícias incompreensíveis para uma boa parte da audiência” (BARBEIRO, LIMA, 2013, p. 129.)

Com base nesses apontamentos, este capítulo aborda sobre a presença do jornalismo televisivo no cotidiano das pessoas, as influências que ele é capaz de causar nas relações interpessoais, a questão do jornalismo local e regional, bem como o papel do jornalismo humanizado no interior na formação de opinião do público, para isso foram pesquisadas obras de Guilherme Jorge de Rezende, Luiz Beltrão, Heródoto Barbeiro, Paulo Rodolfo de Lima, Guy Debord entre outros.

3.1 Jornalismo televisivo

O ser humano sempre teve curiosidade em saber o que acontece ao seu redor e o jornalismo além de servir como ponte entre o indivíduo e o mundo também é visto como um testemunho dos acontecimentos do cotidiano, pois noticia assuntos de diferentes áreas e contribui para a formação da história de um povo. A TV exige do telespectador o uso de dois sentidos: a audição e a visão, o que a difere do rádio que necessita apenas o uso da audição. Ela apresenta imagem e som ao mesmo tempo. No caso do rádio é necessário que o ouvinte desperte a imaginação daquilo que ouve, no televisor essa informação já é entregue pronta pela presença das imagens.

A imagem presente no meio televisivo possui enorme expressividade, segundo Beltrão (1992), a imagem jornalística procura dar uma visão completa do acontecimento, sendo compreendida pelo espectador sem apelo à sua inteligência ou imaginação independentemente do grau de cultura ou o idioma que a pessoa possua. Desta forma pode-se caracterizar a imagem como reprodução do real, pois diferente da linguagem verbal, os elementos são imutáveis, ou seja, visto da mesma forma, salvo a questão de cultura a cultura, já a linguagem varia de local para local havendo por vezes mais de uma significação.

Há uma certa sensação de encantamento despertada pela experiência visual que a televisão proporciona, o que pode ser suficiente para manter o telespectador preso em frente a ela por horas. Para Rezende (2000) a comunicação audiovisual predomina a sensação sobre a consciência e os valores emocionais sobre os racionais. No telejornalismo a imagem é algo primordial na codificação da notícia, já a palavra é considerada secundária, porém ambas são necessárias, uma completando a outra.

O telejornal é composto de uma mistura de fontes de imagens, sons, gravações, filmes, fotos, arquivos, gráficos, mapas, textos, ruídos, músicas, locuções, etc. É o resultado da ação dos jornalistas sobre o aparente caos onde jazem os acontecimentos transformados em notícias para um telejornal. Ele se estrutura de forma semelhante em todos os lugares do mundo enfocando tomadas em primeiro plano de pessoas que falam diretamente para a câmera, sejam repórteres ou entrevistados. (BARBEIRO, LIMA, 2002, p. 16).

A televisão em si é tida como palco de espetáculos, por suas programações usarem de artifícios para a prender a atenção do telespectador. Além da programação das emissoras serem transmitidas ininterruptamente, os programas geralmente espetacularizam a vida em si. Seja na dramaturgia (ficção) onde as pessoas param para acompanhar a história de um personagem, o

desenvolver de toda uma novela ou nos *reality shows* onde a vida humana vira espetáculo. Um exemplo em nosso país é o Big Brother Brasil, onde pessoas de diferentes lugares do país ficam trancadas em uma casa durante cerca de três meses, jogando e traçando estratégias para conquistar o prêmio principal do programa que se refere a uma quantia em dinheiro. A emissora faz disso um espetáculo e o telespectador que acompanha dia a dia a programação é o público/admirador.

No jornalismo temos a espetacularização da notícia, em que os jornalistas costumam tratar um fato como um evento, tendo uma abordagem espetacularizada, transmitindo junto à emissora por horas e horas o mesmo assunto, repetindo em cada programa a mesma pauta. Pode-se citar como exemplo de espetacularização da notícia o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff em 31 de agosto de 2016, em que os telespectadores puderam acompanhar por horas o plenário da Câmara dos Deputados e a votação a favor ou contra o processo. Um exemplo mais recente ocorrido em 02 de setembro de 2018 foi o incêndio do Museu Nacional do Brasil que atingiu a sede do Museu Nacional na cidade de Quinta da Boa Vista no estado do Rio de Janeiro onde noticiários praticamente inteiros, como o caso do Jornal Nacional foram ao local para transmissão sobre o fato, praticamente no momento em que ocorria. No outro dia já houve uma melhor apuração, uso de imagens de arquivos para mostrar como o museu se encontrava, ou seja, a programação por dias girava em torno do incêndio.

Guy Debord autor do livro *A sociedade do espetáculo* define espetáculo como as relações sociais mediadas pelas imagens e ao mesmo tempo faz uma crítica a elas:

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências desta aparência organizada socialmente, que deve, ela própria, ser reconhecida na sua verdade geral. Considerado segundo os seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é, social, como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo descobre-o como a negação visível da vida. (DEBORD, 2002, p.16).

O autor também pontua sobre a alienação:

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. (DEBORD, 2002, p.25-26).

O telejornalismo também se utiliza de recursos e elementos da linguagem ficcional, assim como as novelas, pois faz uso da ficção e efeitos para despertar no telespectador emoções diferentes de forma a prender a atenção, fazendo com que o público se preocupe mais com as emoções e com a questão afetiva do que com sua capacidade reflexiva. Os conteúdos produzidos para os telejornais têm como base a busca pela factualidade ou tornar um acontecimento factual de modo que o receptor da notícia não perceba o tempo entre o acontecimento e a veiculação da notícia.

Os telejornais conseguem alcançar todas as camadas sociais e se destacar quando comparados aos outros meios onde o jornalismo é encontrado. Uma das características principais do jornalismo televisivo é a repetição, considerada necessária em nome da simplicidade e clareza. Outra parte importante no processo deste tipo de jornalismo é manter a informação na forma de diálogo para que o telespectador se sinta interagindo com o repórter, é uma maneira de fazer com que a pessoa mantenha a atenção na programação devido haver essa conversa. A linguagem televisiva é considerada universal.

Como a mídia televisiva quase de maneira geral, os telejornais também são vistos por vezes como vilões e apontados como suportes à alienação. O jornalismo, entre outras atribuições, exerce um papel educativo na sociedade, por isso, qualquer falta de qualidade na veiculação de informações, desejo de querer noticiar antes sem uma boa apuração, ou o pior, informações divulgadas buscando beneficiar algo ou alguém, são péssimas práticas no jornalismo. Isso pode fazer com que as pessoas acreditem só naquilo que enxergam, ou seja, percam a capacidade de pensar e agir por si mesmas, é necessário ir atrás de mais informações, não se conformando só com aquilo que recebem pronto.

Além de fazer uso das tecnologias, o que difere o telejornalismo de hoje daquele praticado no século anterior, o qual era muito parecido com o jornalismo de radiodifusão, é a velocidade com que os acontecimentos ocorrem e o esforço que os profissionais precisam fazer para satisfazer as necessidades de informação da população, ainda mais com o acesso à internet, onde é possível praticamente saber de tudo quase no momento em que ocorre. Além disso o espaço geográfico deixa de ser algo que impede a divulgação de informações, hoje é possível fazer transmissões ao vivo de todos os lugares do mundo.

É através da atividade telejornalística que se busca fazer com que o telespectador fique mais próximo da realidade. Um programa jornalístico é produzido ao longo de um dia com a participação de diferentes profissionais, a produção começa com a definição da pauta e vai até o momento em que é apresentada ao telespectador. O autor da obra *Telejornalismo descoberto*,

Marcelo Cancio afirma que, além disso, as produções passam por “interferências ideológicas, conceituais e políticas, antes que apareçam na tela do telespectador” (2005, p.37).

O formato de telejornal segue o mesmo padrão desde a sua criação no ano de 1950, a diferença é que com o passar dos anos algumas mudanças foram se incrementando com o advento da tecnologia, ganhando assim um estilo próprio deixando de as notícias serem apenas lidas frente às câmeras e se tornando um espetáculo televisivo com diferentes técnicas de produção.

Os telejornais costumam ser divididos em quatro ou cinco seções com duração de trinta minutos a uma hora e reportagens de um a cinco minutos em média, que servem para situar o telespectador sobre os acontecimentos. São intercaladas as falas dos âncoras com a reprodução das reportagens, o âncora apresenta sobre o que vai ser tratar cada história e depois da mesma ele encerra e já introduz a próxima produção. Segundo Cancio (2005) o corpo do jornal é formado por seis diferentes tipos de produção: Notas ao vivo, notas cobertas, passagens de bloco, notas de retorno, reportagens e boletins.

A TV pública tem de lançar mão de todos os atrativos do bom jornalismo para conquistar audiência, como objetividade, leveza, profundidade e agilidade. Seus programas devem atrair o espectador com notícias que contenham relevância, novidade, surpresa, beleza, enfim, tudo o que se possa fazer para que ele seja cativado por uma programação comprometida com a cidadania. Sua programação da TV pública contribui para a formação complementar do homem e para o exercício pleno da cidadania, e seu jornalismo de emissora pública busca fontes alternativas e autônomas de saber para fundamentar as reportagens. O *hard news* não dá lugar para a análise, portanto, é preciso que haja complementaridade com outras reportagens. O jornalismo público orienta-se por uma pauta pluralista, buscando novas fontes que, geralmente, não são percebidas por outras mídias. (BARBEIRO, LIMA, 2013, p. 116.).

Para Barbeiro e Lima (2013) o que deve ser avaliado é a importância dos assuntos a partir da ótica do interesse público. É importante lembrar também que a notícia não é algo mágico, que aparece de repente para o repórter, pois ela requer apuração, tratamento e elaboração.

Uma nova prática no telejornalismo é interagir com o telespectador, fazer com que ele se sinta em casa, e podemos notar isso na mudança da estrutura dos programas jornalísticos, um exemplo é o Jornal Nacional onde por vários momentos os apresentadores ficam em pé, andam pelo estúdio fazendo com que o jornal tenha um estilo menos formal e mais descontraído.

O telejornalismo também busca provocar a curiosidade no telespectador fazendo com que ele busque mais sobre aquilo que vê e ouve, o jornalismo é um campo capaz de enriquecer o senso crítico das pessoas, mas é necessário interesse por parte da população. Barbeiro e Lima (2002) considera frágil a crítica de que a TV seja capaz de moldar o telespectador, considerando que cada pessoa interpreta o que houve e lê de formas distintas, levando em consideração seus valores e ideologias.

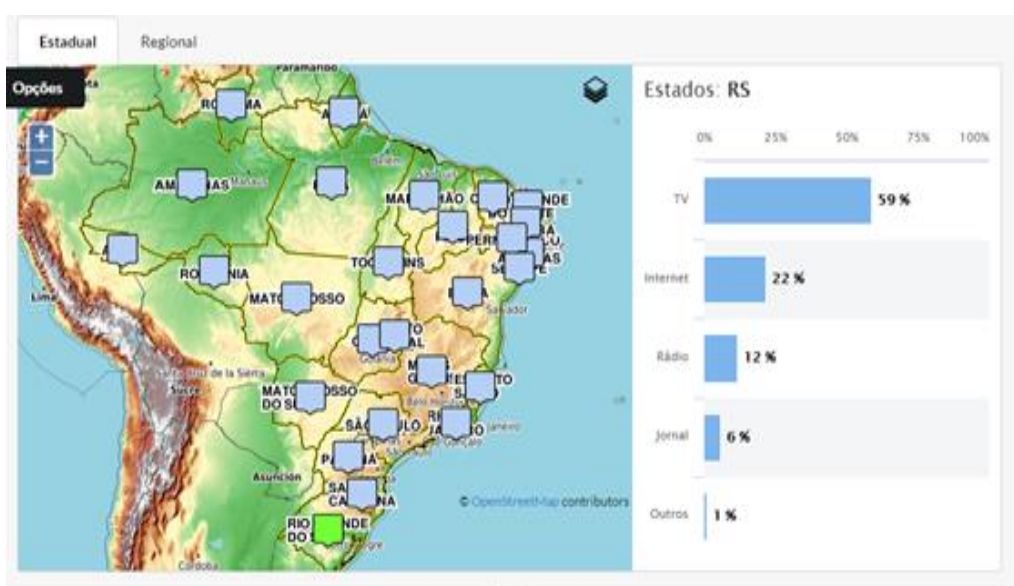
O próximo tópico deste capítulo abordará a importância do telejornalismo em âmbito local e regional para o desenvolvimento e conhecimento da sociedade.

3.2 Jornalismo no interior: o local e o regional

Mesmo com as críticas feitas à TV aberta após a criação da TV por assinatura, a televisão aberta ainda é considerada o veículo de massa mais popular existente, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 que avalia os hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. A pesquisa aponta que 63% dos 15.050 entrevistados tem a televisão como o principal meio de informação, a internet fica em segundo com 26% da preferência e 89% da população tem a televisão como o meio mais utilizado para se informar sobre o que acontece no país.

No estado do Rio Grande do Sul a distribuição de uso dos meios é indicada:

Figura 1- Uso dos meios de comunicação no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 - Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira.

Antes da chegada da internet, a televisão já propiciava aos telespectadores experiências de conectividade e convergência, pois o cidadão passava durante horas na frente da ‘caixa preta’, assim como foi apelidada, e se conectava com as mais diferentes informações de lugares distantes. Este meio então trouxe a visão de que todos os acontecimentos estariam sob o comando do telespectador através da tela presente em suas residências. A televisão analógica, primeira forma existente no país, firmou-se como meio mediador no processo comunicativo ficando entre os fatos ocorridos no mundo e o telespectador.

A Constituição Federal de 1988, no artigo 221, que trata sobre a comunicação social e se refere à produção das programações tanto televisivas quanto radiofônicas, define que elas devem atender os princípios de: “I- preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II- promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente (...); III- regionalização da produção cultural, artística e jornalística...”

A criação de uma emissora de televisão simboliza perspectivas de faturamento comercial, o sistema de comunicação existente no Brasil favorece a formação de grandes redes de televisão onde é dada preferência às informações de abrangência nacional e limitada as de emissoras locais. As emissoras afiliadas então servem de meio para transmissão das programações nacionais havendo poucos programas propriamente regionais. O que costuma existir é a publicidade regional ficando a informação de interesse da população local inserida apenas nos telejornais. As redes nacionais são vistas como maiores geradoras de lucro.

Para que as emissoras pudessem se tornar nacionais foi necessário que a televisão se desenvolvesse em outros estados, não apenas no Rio de Janeiro e em São Paulo como no princípio. No Rio Grande do Sul a primeira emissora criada foi a TV Piratini, de 20 de dezembro de 1959, três anos depois surge a TV Gaúcha, hoje RBS TV, e em seguida a TV Difusora, a primeira a realizar transmissão em cores no Brasil, até então todas transmitiam apenas em preto e branco. Em 1970 surge a TV Educativa, em 1979 a Guaíba e em 1980, a TV Pampa.

A televisão em rede composta por três tipos de estações: geradoras, afiliadas e retransmissoras surge no Brasil em 1969, quando a então TV Globo lança o Jornal Nacional a partir da sua emissora do estado do Rio de Janeiro. As afiliadas e as retransmissoras são independentes e se associam a determinada emissora com o intuito de transmitir a programação dela em locais cujo sinal da geradora não consegue alcançar. Algumas emissoras possuem apenas a geradora onde são produzidos todos os conteúdos em âmbito nacional, desde os telejornais até as telenovelas. O JN foi o primeiro jornal realmente nacional da TV brasileira, em que os telespectadores puderam conferir as notícias de todo o país de suas casas.

As afiliadas geralmente procuram intercalar blocos de produção nacional/estadual com as produções locais geradas especialmente para as localidades regionais, ou seja, as emissoras do interior. As emissoras interioranas têm compromisso com as produções que sejam de interesse da comunidade regional e que contribuam para o desenvolvimento social, cultural e para o pensamento crítico da população.

A emissora gaúcha RBS TV se tornou afiliada da Rede Globo em 1967 sendo a primeira emissora regional a se filiar. Hoje o grupo RBS conta com 12 emissoras dentro do estado, nas cidades de Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Uruguaiana.

A produção de telejornais com o passar dos anos ganhou força no país, Marcelo Cancio, autor da obra *telejornalismo descoberto* afirma que “Com a expansão da televisão no Brasil pela criação de uma rede nacional composta de emissoras afiliadas, essa estrutura espalhou-se pelo país. Atualmente, tanto os telejornais nacionais como os regionais são estruturados da mesma forma.” (2005, p.41)

Na sua dissertação de mestrado, a portuguesa Joana Margarida Gaspar Carvalho aborda a respeito da imprensa regional e local e fazendo um estudo de caso do jornal O Ribatejo, periódico português, ela cita a imprensa regional como:

Determinante nos dias de hoje pelo papel de serviço público que presta, pelo facto de ser uma guardiã de tradições e identidades e pelo simples facto de prestar informações de âmbito regional e muitas vezes local que nenhum outro meio de âmbito nacional faz de forma tão profunda e completa. Num mundo onde a globalização está instalada, a imprensa regional assume um papel decisivo. (CARVALHO, 2013, p. 7).

O jornalismo em âmbito local e regional possui o poder de sensibilizar a população tornando os membros da sociedade cidadãos mais ativos, fazendo com que eles reconheçam e exerçam os seus direitos e deveres. Além disso, esse jornalismo também é capaz de fiscalizar mais de perto órgãos e exigir resoluções de questões que sejam importantes para a sociedade. O jornalismo regional e local pode ser visto como um jornalismo mais próximo das pessoas, onde o jornalista sai em busca das fontes, vai a campo apurar a notícia e se aproxima mais da população. Esse tipo de jornalismo se diferencia do jornalismo dos grandes centros e adquire importância no mundo tecnológico e convergente que se presencia atualmente. O termo jornalismo regional traduz-se basicamente como estar perto das pessoas, além também de ser uma maneira de manter vivas as identidades dos povos.

Para fazer um jornalismo descobridor é preciso um olhar diferente sobre a sociedade. Saber ouvir, saber interpretar saber descobrir formas de expressão e de manifestações populares. Mostrar a situação real de quem vive marginalizado, excluído do mundo econômico, político. O telejornal pode mostrar, relatar as dificuldades desses grupos sociais, sem explorar, sem expor ao ridículo gente que sofre demais com as incertezas da vida. (CANCIO, 2005, p. 50).

Em cidades de grande porte, os interesses da população são heterogêneos, ou seja, são múltiplos e variados, tendo assim o jornalismo que atender a essas necessidades. Já nas cidades interioranas tratam-se de interesses de certa forma mais homogêneos, pois o telespectador geralmente deseja saber o que está acontecendo a sua volta, em sua cidade e região, por isso os telejornais locais são tão aguardados quando presentes dentro dos jornais estaduais. O que é noticiado dentro do telejornal estadual ou nacional se refere a questões em âmbitos, nacionais, estaduais e internacionais as quais a mídia local não possui estrutura para fazer. O jornalismo de interior é tido como complemento da grande mídia e não concorrência.

É necessário pensar no jornalismo como uma ciência social feita para uma sociedade, para o desenvolvimento e melhoria dela. O jornalismo no interior não é diferente disso, ele é de extrema importância para as comunidades, pois é capaz de fortalecê-las, bem como as culturas locais. Além disso, ele é uma forma de fazer com que os telespectadores despertem seus interesses no sentido de exercer a sua cidadania. Assuntos regionais, geralmente só são de grande importância para a região em que eles ocorrem, raramente entram na pauta dos telejornais maiores, porém isso também ocorre.

Nesta linha de pensamento, o que parece distinguir a nacional ou regional da imprensa interiorana é a forma de organização empresarial e a estratégia claramente direcionada para uma abordagem dos temas tanto mais generalistas quanto generalista se pretende que seja o seu público num território mais ou menos amplo. Na realidade, o território de pertença e de identidade, ao qual a informação local parece estar ancorada, pode por si só condicionar as formas de divulgação da imprensa local, reduzindo-as a uma escala mais restrita e comunitária. No entanto, isto não significa necessariamente um limite às audiências. (DORNELLES, 2010, p. 238).

Quando se pensa em jornalismo no interior pode vir à mente algo que não seja moderno ou que não tenha um grande retorno profissional, porém independentemente de onde o profissional do jornalismo atua ele tem um compromisso com a verdade e com os cidadãos, bem como de trabalhar com ética, visando a contribuir para a melhora da vida e das condições dela em sociedade.

A imprensa local tem, assim, por função manter e promover uma saudável vida democrática, permitindo a troca de ideias, favorecendo o debate e procurando fazer com que os seus leitores se interessem pelo ambiente que os rodeia, de forma a levá-los a assumir uma atitude participativa do ponto de vista social. O jornalista da imprensa local tem, pois, a particularidade de viver entre os seus leitores. Contar a vida é mostrar que nos interessamos pelas pessoas, que temos respeito pelo que fazem e pelo que dizem. Os profissionais da imprensa interiorana devem ser jornalistas-assistentes do cidadão e ter como uma das suas características o gosto demasiado pelas pessoas. (DORNELLES, 2010, p. 241).

No próximo tópico deste capítulo, de modo a complementar o presente sobre jornalismo televisivo, é abordado o papel que o jornalismo possui na formação de opinião e na formação do público, bem como a importância que o jornalismo humanizado tem no exercício dos direitos humanos, de modo a realizar um jornalismo de maneira limpa que objetiva o bem da sociedade, sendo uma prática livre de preconceitos e de respeito à vida humana.

3.3 O papel do jornalismo humanizado no interior e na formação do público

O jornalismo desenvolvido em cidades interioranas pouco se diferencia dos desenvolvidos em grandes centros, como por exemplo, no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O jornalismo local é um jornalismo de proximidade, pois as pautas levantadas geralmente possuem grande importância na vida das sociedades, é onde o telespectador vê sua cidade e região mais de perto, onde é dado aos assuntos locais maior importância, quando comparados aos telejornais de âmbito nacional. Essa proximidade trata-se de uma forma de conseguir a fidelização do seu público, o que, nesse aspecto, não se difere do jornalismo de cidade grande, mas no interior essa prática é mais usada.

Subentende-se que o termo local diz respeito à comunidade, bairro e cidades de pequeno porte, como é o caso da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul onde as emissoras de televisão são regionais, ou seja, localizadas em uma cidade, mas abrangem toda uma região: noroeste, norte, sul, entre outras. Há uma emissora responsável pela produção das pautas daquela localidade, produzindo dessa forma materiais que sejam de interesse de toda essa região, atingindo assim a audiência de várias cidades.

A particularidade da imprensa regional funda-se no fato de se dirigir ao indivíduo enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes etc. (DORNELLES, 2010, p. 242).

A imprensa usa como filtro para a produção de materiais a proximidade, pois é dessa forma que consegue despertar o interesse da população, falar de assuntos nos quais eles se sintam inseridos. Os *media* regionais além de produzirem informações se tornam referência de informação e conhecimento, sendo capazes também de serem meio pelos quais as mudanças são cobradas e ocorrem.

O telejornalismo regional é capaz de representar de maneira mais direta a sociedade, seja a maioria ou minoria, a informação é mais pluralista e a população se sente melhor representada fazendo com que os cidadãos pratiquem a democracia, exercendo seus direitos e deveres, bem como interajam sobre os assuntos que lhes digam respeito.

Assim, podemos sustentar que a imprensa do interior, caracterizada especialmente pelo localismo, funciona em um espaço mais ou menos limitado, por seleção do tipo de informação, por identificação com o público, pelo partilhamento dos fatos, dos interesses, das necessidades, das reivindicações políticas etc. O jornal, então, deve servir aos interesses nobres da comunidade a que deve a sua existência e o seu sustento. (DORNELLES, 2010, p. 242).

O jornalismo humanizado é uma prática que vem sendo cada vez mais desenvolvida nos meios de comunicação. Apesar do imediatismo e da necessidade de as informações serem produzidas praticamente no mesmo momento em que elas ocorrem, a humanização nas matérias é um diferencial no jornalismo. Hoje, por exemplo, quando é divulgada alguma pesquisa quantitativa os números são interessantes, pois revelam a realidade sobre determinada coisa, mas o diferencial é saber o porquê de tal pesquisa apresentar tais números e os cidadãos têm o interesse de conhecer as diferentes histórias existentes, as quais levam a pesquisa a chegar nas porcentagens finais. O jornalismo humanizado é um jornalismo livre de preconceitos, de respeito às minorias e à maioria, que não usa de estereótipos para definir uma sociedade, um jornalismo que se preocupa com a vida humana e que respeita as diferenças. Dessa forma é possível fazer um jornalismo que não colabora com os discursos de ódio.

Jorge Kanehide Ijuim, importante pesquisador da área da humanização do jornalismo, que se dedica a pesquisar sobre o assunto há mais de dez anos, define que o jornalismo só possui sentido se for capaz de ter compromisso com a sociedade. Além disso, o autor explica que um jornalismo humanizado é aquele em que o ser humano é o ponto de partida e também o ponto de chegada.

O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. Em seu trabalho de apuração, busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência. Na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe significados, os sentidos, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume uma postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Assim, seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de prejulgamentos, de preconceitos e estereótipos. Daí sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador. (IJUIM, 2011, p. 17).

Então, se o jornalismo é a arte de contar “estórias” e a vida humana é a matéria das produções, seria possível desumanizar o jornalismo? Infelizmente sim, ainda vemos muitas produções jornalísticas carregadas de preconceitos, que estereotipam membros da sociedade, que culpa as vítimas de violências, desrespeitando assim os direitos humanos. Ijuim afirma que há profissionais do jornalismo que produzem conteúdo inumano e no mínimo desumanizador, pois “é fácil notar no dia a dia da imprensa reportagens carregadas de preconceitos, de estigmas, que descaracterizam e desqualificam as pessoas. Não é difícil constatar matérias que é muito mais “mundo-cão” que humanização. (IJUIM, 2016, p.9).

O jornalismo humanizado está diretamente ligado aos direitos humanos, pois é por meio dele que o profissional busca cumprir um papel social na sociedade fazendo com que ela exerça os direitos básicos humanos e que os reconheça, pois os direitos humanos são direitos de todos, não só das minorias como é visto por parte da população, a defesa dos direitos humanos é uma luta constante que deve ser defendida por todos os cidadãos.

(...) A comunidade internacional preocupa-se visivelmente com qualquer tipo de violação aos direitos humanos, especialmente das minorias. Por isso, os meios de comunicação estão cada vez mais atentos a questões como estas em todos os países do mundo, porque há certa cobrança em relação a estes aspectos. Questões de gênero, a causa das mulheres, o trabalho escravo, a exploração de crianças são alvos de alerta e foco de atenção da mídia, porque constituem crimes contra os direitos humanos e a cidadania universal, direitos internacionalmente assegurados. (NASI, RADDATZ 2017, p.84).

Por meio da defesa dos direitos humanos também se busca combater os preconceitos e os discursos de ódio cada vez mais presentes na sociedade tecnizada, onde na internet boa parte

das pessoas faz uso da liberdade de expressão e exerce o direito de manifestar seu pensamento, porém muitas vezes se importando apenas com sua opinião e não com o quanto isso pode afetar o outro. Há quem pense que exista só uma maneira de ser, um modo de se relacionar com as pessoas e geralmente acha que o modo que vive é o único correto e discrimina as vivências do outro. Porém pensar assim é ir contra os direitos humanos e contra a Constituição Federal, os quais defendem a igualdade de todos. Numa sociedade onde prevalecem os discursos de ódio, também falta respeito, consideração com os semelhantes e tolerância. Para esse discurso ocorrer são necessárias duas coisas: a discriminação e a exteriorização do pensamento preconceituoso.

Qualquer tipo de preconceito seja ele por raça, orientação sexual, etnia, religião, classe social, entre outros, nenhum tipo de julgamento é tolerável, mesmo que se viva em uma sociedade que se diz tolerante não se deve aceitar o intolerável, não se deve ir contra os direitos básicos do ser humano. No primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (2009, p.4) consta que “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”, ou seja, o discurso de ódio fere tais direitos, e representa um abuso quando encarado apenas como uma simples prática da liberdade de expressão, pois se ofende e denigre a imagem de um ser deixa de ser uma liberdade e passa a ser uma atitude considerada como crime.

O jornalismo não pode e nem deve colaborar com discursos de ódio e com nenhum tipo de preconceito. A informação é a maneira pelo qual os cidadãos têm conhecimento de mundo e também uma forma de deixar o mundo mais igualitário. Para isso, o jornalismo visa a fornecer informações para que a sociedade seja livre e crítica, despertando o desejo da população de exercer sua cidadania e de enxergar o outro como igual, agindo com respeito e sendo tolerante. Assim, o jornalismo precisa ser honesto, decente e de responsabilidade.

No telejornalismo se busca atingir ainda grandes números de audiência, porém essa não é mais a principal maneira de garantir a fidelização do telespectador “Este é um novo cenário, onde se busca a identificação do público com os produtos da mídia, onde o feedback ganha importância e onde os formatos televisivos passam por constantes mutações”. (EMERIM; CAVENAGHI, 2015, p. 9)

As emissoras televisivas são concessões públicas, para tanto além de interesses comerciais ela possuem interesses públicos não bastando apenas favorecer a quem paga para veicular a informação, mas sim e acima de tudo honrar o compromisso com as informações de interesse público de modo a favorecer a população em questões, como por exemplo, de

fiscalizar órgãos públicos para garantir os direitos dos cidadãos e também informar para que possam formar opiniões e serem capazes de opinar nas relações em sociedade.

Com base nisso, o próximo capítulo, onde é apresentado o *corpus* do trabalho, aborda o jornalismo televisivo na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, especificamente a emissora RBS TV afiliada da Rede Globo e sua programação local presente dentro do Jornal do Almoço estadual, observando no programa a relação com o caráter do jornalismo humanizado voltado para o regional.

4. JORNALISMO: UMA ANÁLISE DO JA SANTA ROSA

No presente capítulo será feita uma análise de um programa telejornalístico da emissora afiliada da Rede Globo, a RBS TV. A Rede Brasil Sul de Televisão tem sua sede na capital do estado do Rio Grande do Sul na cidade de Porto Alegre. Possui emissoras espalhadas por todo o estado onde conforme informações presentes no site emissora a cobertura chega a 98,8% e é a mais antiga afiliada da Rede Globo, alcançando cerca de 497 municípios atingindo 11,1 milhões de telespectadores.

O Grupo RBS define como crença da empresa o fato de que a comunicação faz acontecer. Já como propósito tem o de fazer jornalismo e entretenimento de maneira a inspirar, informar e contribuir para a melhora da realidade e transformação e evolução das pessoas. Os valores da emissora servem para orientar as atitudes, as decisões e os relacionamentos, fazendo assim o ‘o jeito de ser e fazer’ da emissora, possuem objetivos empresariais, porém não abrem mão dos valores escolhidos para identifica-la e distingui-la das demais emissoras.

A emissora escolhida para a realização da análise é a RBS TV Santa Rosa, localizada no noroeste do estado, ela gera um programa local, o Jornal do Almoço também conhecido como JA. O programa é apresentado dentro do Jornal do Almoço estadual, onde um bloco é dedicado para que cada região se informe a respeito do que acontece em âmbito local e regional.

O Jornal do Almoço é o telejornal mais antigo da emissora, é marcado pela descontração e pela maneira de fazer com que o público se sinta mais perto e acolhido ao assistir as informações, o programa reúne informações de diversos tipos, como cultura, variedades, música, entrevistas ao vivo e comentários. Temas referentes a atualidade e comportamento da população.

O compromisso da emissora é apresentar em sua programação local conteúdos que sejam de interesse da comunidade regional e que contribuam socialmente e culturalmente para o desenvolvimento da população do local. Para isso no decorrer dos três tópicos deste capítulo são apresentadas informações acerca do Programa Jornal do Almoço, sua estrutura, seus apresentadores, os assuntos, como se desenvolve e os resultados obtidos através da análise realizada.

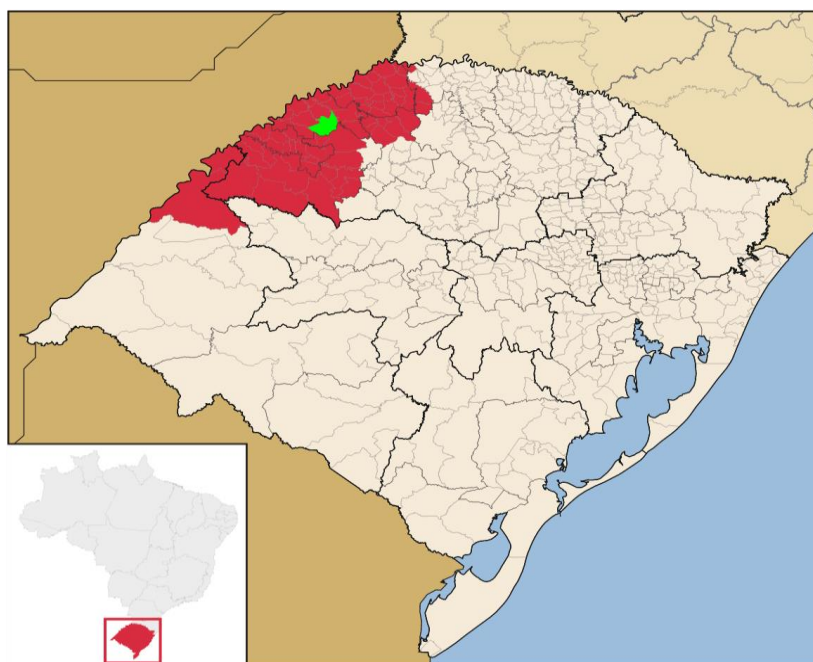
4.1 O Jornal do Almoço na RBS TV Santa Rosa

A RBS TV Santa Rosa foi inaugurada em 28 de agosto de 1992 é a emissora afiliada da Rede Globo encarregada por cobrir a região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, é responsável também por retransmitir a programação da Rede Globo para cerca de 69 municípios, chegando a transmitir o sinal segundo dados referente ao ano de 2017 da Fundação de Economia e Estatística - FEE para mais de 606 mil habitantes pertencentes às regiões Fronteira Noroeste, Missões e Celeiro.

O prédio hoje está ativo no mesmo local onde a emissora foi inaugurada, possui cerca de 680 m² e foi construído em um terreno doado pela prefeitura municipal de Santa Rosa. Antes da RBS TV Santa Rosa virar uma emissora independente ela era sucursal da RBS TV Cruz Alta e possuía um cinegrafista e um repórter. Na época da inauguração em 1992, com a emissora já desligada de Cruz Alta o sinal era disponibilizado para cerca de 65 municípios.

A região coberta pela emissora RBS TV Santa Rosa é basicamente interiorana, onde a maioria dos municípios possuem populações de micro e pequeno porte, o telejornal produzido pela emissora faz parte da vida e da cultura dos habitantes.

Figura 2: Região coberta pela RBS TV Santa Rosa.



Fonte: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/f/fb/Cobertura_-_RBS_TV_Santa_Rosa.svg/175px-Cobertura_-_RBS_TV_Santa_Rosa.svg.png

O programa telejornalístico *Jornal do Almoço* é um dos programas próprios da emissora RBS TV, além dele há também o RBS Notícias que é exibido à noite por volta das 19 horas, onde é feito um resumo dos acontecimentos do dia em todo o estado, tendo apenas blocos a nível de estado, nenhum regional. O *Jornal do Almoço* se diferencia por apresentar os blocos regionais, em que cada região tem seu programa local e é noticiado o que acontece perto do telespectador, então além dele saber o que acontece a nível de estado também fica por dentro do que ocorre na sua região em um só programa.

O enfoque de consenso é a TV Regional como canal de informação e principalmente como veículo de solução para os problemas das populações das cidades (...) A TV regional pode servir para desenvolver as características culturais de cada comunidade, combatendo uma homogeneização que poderia ser causada pelas grandes redes de comunicação. (DEBONA E FONTELLA, 1996, p. 18).

O JA é exibido de segunda a sábado e tem a duração de aproximadamente cinquenta minutos. O programa da cabeça de rede no estado, gerado em Porto Alegre, é apresentado pela âncora Cristina Ranzolin. O bloco regional que possui entre cinco e dez minutos, na região noroeste, RBS TV Santa Rosa, é apresentado por Lisiane Sackis, ambas as apresentadoras são jornalistas. O programa se passa em estúdios diferentes, um para o estadual e um para o regional. O regional, escolhido para a análise, segue o mesmo estilo do estadual. As notícias são apresentadas do estúdio pela jornalista em pé, de início ela surge caminhando e falando que o bloco se trata do bloco local, após é feita a chamada do estúdio para alguma matéria, onde surgem os repórteres de externa, após exibição da matéria o repórter volta para o âncora no estúdio onde por vezes é feita outra chamada para matérias e em outras são realizadas entrevistas ao vivo. Nas entrevistas a apresentadora costuma aparecer sentada em frente ao entrevistado onde conduz as perguntas sobre assuntos de conhecimento da pessoa convidada.

Além disso quando a pauta é de interesse estadual há inserção de reportagens produzidas na região no bloco estadual. Como foi o caso da morte de Bernardo Uglione Boldrini.¹ A cobertura foi feita pela equipe do RBS TV Santa Rosa e transmitida não só para o *Jornal do Almoço* estadual, mas para diversos programas da Rede Globo de televisão. Como é mostrado na figura 3, onde umas das matérias foi exibidas no *Jornal Nacional*.

¹ O caso provocou comoção no país inteiro. Segundo o Ministério Público, o menino foi morto aos 11 anos pela madrasta Graciele Ugulini com a ajuda de Edelvânia Wirganovics e de seu irmão Evandro Wirganovics, já o mentor do crime foi o pai de Bernardo, o então médico Leandro Boldrini. O crime ocorreu em 04 de abril de 2014.

Figura 3 – Transmissão de pauta produzida pela RBS TV para o Jornal Nacional



Fonte: Globo Play <<https://globoplay.globo.com/v/3303470>>

Segundo dados da Kantar IBOPE Media Workstation Premium em 2017, aproximadamente 625 mil telespectadores na região de Porto Alegre assistiram diariamente ao Jornal do Almoço. A aposta em jornalismo local contribuiu para que a emissora alcançasse esse número. O programa telejornalístico em questão ocupa um horário nobre na televisão ao meio dia, hora na qual a maioria da população faz o intervalo no trabalho ou está em casa e acompanha o noticiário com o intuito de saber o que aconteceu naquele dia.

As notícias locais tornam-se importantes à medida que o telespectador se volta para os acontecimentos que estão mais próximos de sua área de interesse. Notícias que estão relacionadas com seu Estado, sua cidade, seu bairro, sua cultura. As notícias nacionais têm importância por sua abrangência e repercussão, mas as regionais não podem ser desprezadas. (CANCIO, 2005, p. 101).

O período analisado do programa foi a penúltima semana do mês de agosto, antecedente ao início do período eleitoral na mídia televisiva que começou em 31 de agosto, no qual o tempo de programa era reduzido por haver o horário eleitoral gratuito. Os dias analisados foram de segunda-feira, dia 20, a sexta-feira, dia 24. O programa Jornal do Almoço foi escolhido por ser um programa referência em telejornalismo na região, por apresentar notícias de temas variados objetivando informar a região e valorizar o local.

Além disso, a escolha do meio televisivo se justifica pela televisão ser um veículo muito presente na vida dos brasileiros, pois conforme a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 o consumo médio diário da TV de segunda a sexta chega a 3 horas e 21 minutos, já no final de semana esse tempo médio aumenta, passa para 3 horas e 39 minutos e ainda é considerado o meio mais usado pelos cidadãos para a informação.

A pesquisa é de caráter qualitativo de natureza exploratória e cada programa foi analisado individualmente de modo geral. Tal análise é realizada através do método de análise de conteúdos, bem como por descrição dos temas em pauta, na qual os programas foram avaliados e interpretados de forma a observar os diferentes temas abordadas no decorrer de cinco dias de Jornal do Almoço, totalizando quase cinquenta minutos analisados. Além de acompanhar o programa ao vivo, foi analisado junto ao site do G1 <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/>> os vídeos do bloco regional. Dessa forma se buscou entender o telejornalismo regional e como ele contribui e supre as necessidades informacionais da sociedade.

A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p.58).

No próximo item do capítulo é abordado a estrutura do programa, a produção local, a equipe e o que é levado em consideração na escolha das pautas para a produção do JA, bem como o tempo para a produção e a relação entre a RBS TV Santa Rosa e a RBS TV.

4.2 A produção local no JA Santa Rosa

O bloco local do Jornal do Almoço no noroeste do estado do Rio Grande do Sul é produzido junto aos estúdios da emissora RBS TV que fica localizado no Alto do Parque no município de Santa Rosa. Atualmente a empresa conta com o trabalho de cinco profissionais, sendo eles, Lisiane Sackis coordenadora de telejornalismo e apresentadora do Jornal do Almoço, duas equipes de externa composta por dois repórteres, Gabriel Garcia e Maria Eduarda Ely e dois cinegrafistas, Jonas Miranda e Luís Frey. Dos estúdios o bloco local é apresentado por Lisiane Sackis e eventualmente pelo repórter Gabriel Garcia, cada programa regional possui de duas a quatro matérias e inserções ao vivo em externa ou em estúdio.

Figura 4 - Equipe novembro-2018 RBS TV Santa Rosa.



Fonte: Facebook da emissora
<https://www.facebook.com/jasantarosaRS/photos/a.895250047232536/1931272183630312/?type=3&theater>

Quanto à regulação da emissora a RBS TV Santa Rosa é interdependente da RBS TV, porém há respeito às normas as quais são impostas pela Matriz, da mesma maneira que a RBS TV precisa se submeter às normas da Rede Globo de televisão de maneira a respeitar os espaços destinados à programação regional, bem como é definido pela emissora no estado os tempos e horários que as emissoras locais têm para as suas produções. No caso do programa telejornalístico *Jornal do Almoço*, ele precisa estar de acordo com as regras da emissora, ou seja, ter um modelo padrão de estúdio e cenário, a maneira como o apresentador se mostra nele e o principal, as produções serem adequadas à linha editorial da empresa.

Na dissertação de mestrado de Rossana Zott Enninger, apresentada em 2015 em Santa Maria na qual foi feita uma análise cultural do telejornalismo local e a representação e identidade na RBS TV Santa Rosa, a autora citando Williams (2011) se reporta a dimensão tecnológica e cultural da televisão.

A televisão constitui-se em um dos principais domínios da contemporaneidade e, além da dimensão tecnológica, também devemos analisar sua dimensão cultural. Williams (2011) atenta para os modos como são estudados a televisão. Não devemos observar apenas o que é transmitido, mas também os processos pelos quais os conteúdos se realizam em diferentes formatos do fluxo televisivo, de modo a realizar uma observação que compreenda as dinâmicas e processos que estão ali envolvidos no momento em que os programas se realizam para o telespectador. (ENNINGER, 2015, p. 41).

Com relação à produção das notícias e à escolha das pautas elas são definidas e discutidas todos os dias nas reuniões de pauta realizadas pela equipe, para isso são levados em consideração os telefonemas e releases recebidos, bem como os contatos com fontes de todas as formas incluindo as redes sociais, também uma das maneiras mais comuns de se comunicar e ter o *feedback* dos telespectadores. Quanto aos conteúdos não há interferência da matriz, apenas é seguido a linha editorial da empresa.

Lisiane Sackis (2018)² coordenadora de jornalismo da rede televisiva RBS TV Santa Rosa, em entrevista concedida, define que o critério de escolha das pautas é com base na “importância, no valor de informação para o nosso público, levando em conta nosso propósito que é fazer jornalismo e entretenimento que informem, inspirem e contribuam para a evolução das comunidades em que estamos inseridos.” Além disso, Lisiane ainda define que a “programação regional é feita através do Jornal do Almoço, ao meio-dia, com a parte das notícias da nossa região de cobertura. Também fazemos reportagens para todos os telejornais da RBS TV e da Rede Globo.”

A emissora se preocupa em produzir pautas que agreguem algo positivo para a população, relacionadas à qualidade de vida, informação, lazer, saúde, educação e segurança pública. Além do jornalismo, a emissora também busca entreter o telespectador de modo a fazer com que ele se informe, mas também se distraia. Cobrindo sessenta e nove municípios a RBS TV Santa Rosa é responsável por representar toda a região noroeste do estado. Como definido por Hall (1997, p.15), a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Ele envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que respondem por ou representam coisas.”

A montagem do JA envolve uma série de etapas, produção em externa, seleção de pautas, edição de texto e imagem o que pode chegar a um total de cerca de 20 horas de trabalho em uma edição. Além de produzir o bloco regional a emissora também produz conteúdo para

² Entrevista pessoal realizada via e-mail, Giruá, 13 de novembro de 2018.

outros jornais, há ofertas nas teleconferências diárias, são três por dia para cada telejornal do estado. Existem também pedidos de contribuição específicos de cada editoria.

Enninger (2015) baseada nas concepções de Guilherme Jorge de Rezende (2000) propõem uma classificação para os gêneros nos telejornais:

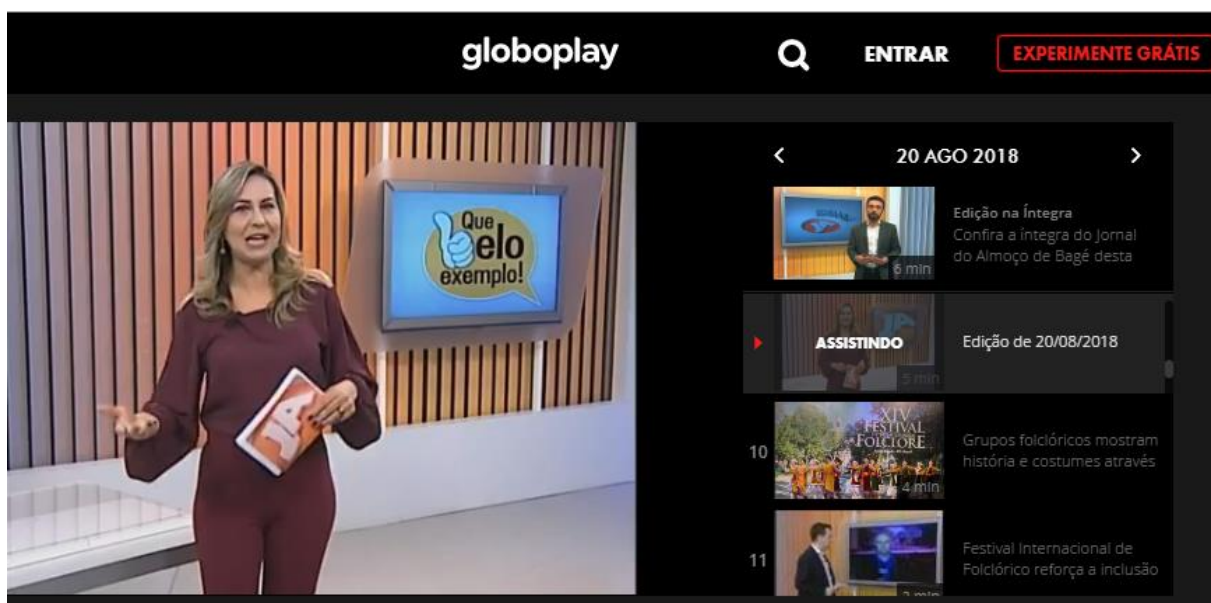
(...) O informativo e o opinativo, cada um com uma subdivisão de formatos que são dados às notícias televisivas. Ao gênero informativo, cabem cinco formatos: 1) Nota – um relato sintético e objetivo de um fato, que pode apresentar-se como nota simples, aquela formada apenas pelo texto lido pelo apresentador, e a nota coberta, que alia o texto narrado pelo apresentador com as imagens do acontecimento; 2) Notícia – mais completa que a nota, uma vez que combina a apresentação ao vivo e a narração coberta por imagens; 3) Reportagem – fornece um relato ampliado do acontecimento, com causas, correlações e repercussões, compondo-se da estrutura completa, com cabeça, off, boletim, sonoras e pé, e necessita da intervenção do repórter; 4) Entrevista – corresponde ao diálogo entre jornalista e entrevistado, extraindo informações, ideias, opiniões deste acerca de algum tema; 5) Indicador – dizem respeito àquelas matérias de caráter utilitário ou de serviço ao telespectador. (ENNINGER, 2015, p. 50).

No Jornal do Almoço é possível encontrar tais gêneros e formatos definidos acima, bem como são levados em consideração como critério de noticiabilidade definidos por Traquina (2005) a proximidade, notoriedade, notabilidade, tempo, conflito, infração, relevância, personificação, a dramatização entre outros. Segundo o autor esses valores são como ‘óculos’ para o jornalista de modo a selecionar os assuntos de mais relevância para o público.

A apresentadora do telejornal busca através de seu posicionamento frente às câmeras manter ‘contato’ com o telespectador, sempre direcionando o olhar para as câmeras, também há uma variedade de enquadramentos e posições no estúdio mostrando a importância que o espaço possui para o programa, bem como uma variação de gestos por parte da jornalista. O estilo do figurino da jornalista é tradicional, vestido, saia, calças e blusas no estilo social, geralmente com cores que combinam uma com as outras ou com os sapatos. O JA é um programa considerado jornalístico, mas também de entretenimento, portanto é tido como algo mais informal quando comparado ao outro programa jornalístico da emissora, o RBS Notícias.

A internet propicia aos usuários acompanhar aquilo que ‘perdem’ da programação ao vivo na televisão em plataforma digital, já que a Rede Globo possui o canal online *Globo Play*, onde são armazenados todos os materiais em vídeo produzidos pela emissora. A plataforma tem o estilo apresentado abaixo, onde no *print* é mostrado o primeiro programa conferido pela autora na análise dessa produção.

Figura 5 – Jornal do Almoço na plataforma Globo Play.



Fonte: Globo Play <https://globoplay.globo.com/v/6958622/programa/>>

No próximo item, último deste capítulo, é apresentada a análise de conteúdo de cada um dos cinco programas/blocos observados e os resultados obtidos a partir do estudo e da observação da prática jornalística relacionada com a perspectiva de um jornalismo humanizado.

4.3 Jornal do Almoço local na perspectiva humanizadora

Os programas tratam diferentes temas e foram analisados individualmente, totalizando cinco dias de observação, ou seja, cinco blocos locais produzidos na RBS TV Santa Rosa de segunda a sexta-feira cada um possui a duração de cerca de cinco a dez minutos. A análise está dividida em parágrafos e identificada por dia da semana e data, bem como as pautas que apareceram em cada um dos dias, após é feito um comparativo geral de modo a relacionar as pautas com a prática de um jornalismo humanizado e de respeito aos direitos humanos.

Segunda-feira - 20/08/18: O bloco local começa abordando o dia do vizinho comemorado em 19 de agosto, onde a pauta se encaixa no quadro 'Que belo exemplo' a apresentadora Lisiane Sackis inicia a programação com uma notícia que relata a comemoração pelo quinto ano seguido em um dos bairros do município de Santa Rosa, o bairro Glória, onde vinte e seis famílias se reuniram. A produção tem a inserção de fotos, vídeos que ao que indica foram produzidos pelos próprios moradores e a locução da apresentadora. A matéria procura

mostrar a amizade existente entre vizinhos e a confraternização realizada entre eles se destacando como um belo exemplo a ser seguido pelos demais bairros, bem como nas demais cidades. Após essa exibição é voltado para o estúdio onde a apresentadora aparece ao vivo e faz a chamada do quadro “O Brasil que eu quero”.³ A última produção é sobre os animais na pista e como eles podem apresentar perigo para os motoristas, é uma reportagem do jornalista Gabriel Garcia. Após finalização desta última matéria, a mais longa do dia, novamente Lisiane aparece no estúdio, encerrando o bloco local e dizendo ao telespectador o que ele irá conferir no próximo bloco em âmbito estadual.

Terça-feira - 21/08/18: Nesse dia o programa inicia novamente abordando um exemplo ‘bacana’ definido assim pela apresentadora, a pauta relata a atividade produzida em comemoração ao dia da família em uma das escolas de Santa Rosa o Instituto Estadual de Educação Visconde de Cairu, a confraternização das famílias é uma forma de reunir a comunidade escolar para integrar os pais e a comunidade externa no espaço escolar. Começa-se com a narração da jornalista Lisiane com imagens do evento, logo entram entrevistas com pessoas participantes, pais, alunos, comunidade e direção escolar. Após finalização dessa pauta as imagens voltam para o estudo com a apresentadora ao vivo, introduzindo outra matéria sobre educação, nessa passam imagens e fotos e dos estúdios a apresentadora fala sobre o projeto ‘Quebrando o silêncio’ de uma igreja do município, falando a respeito da programação que reúne diversas escolas da região, após a prévia introdução, Sackis chama o repórter Gabriel que dá detalhes sobre o assunto. O projeto tem o objetivo de levar informações de como evitar o *bullying*, o repórter então entrevista a diretora de uma das escolas, que enfatiza a importância do combate a essa prática que deve se iniciar dentro de casa e passa dicas de como identificar se a criança ou adolescente está sofrendo ou praticando *bullying*. Finalizada a matéria a apresentadora chama o intervalo e já adianta qual será a próxima pauta do bloco estadual, como no dia anterior.

Quarta-feira - 22/08/18: O bloco se inicia com imagens da chegada do fogo simbólico da pátria no município de Santa Rosa, enfatizando o tema nacional da semana da pátria que era o projeto Rondon desenvolvido pelo Ministério da Defesa que contribui na formação de jovens e universitários como cidadão e no desenvolvimento sustentável das comunidades carentes. As

³ Esse quadro foi apresentado na programação de todos os telejornais da Rede Globo de televisão, no qual os telespectadores faziam o envio de vídeos mostrando algum lugar de suas cidades dizendo ‘qual era o Brasil que desejavam para o futuro’, os produzidos em âmbito local geralmente eram veiculados nos programas locais, que foi o caso desse dia, onde aparecem moradores dos municípios de Cândido Godói, Salvador das Missões e São Paulo das Missões.

imagens voltam para o estúdio de onde a apresentadora introduz a próxima pauta, que trata sobre a justiça restaurativa nos municípios de Santa Rosa, Santo Cristo e Santo Ângelo, o objetivo desse tipo de justiça é restaurar vínculos e promover a paz entre as pessoas desde a escola até os presídios para evitar a prática de violência. O intermédio é feito por meio de facilitadores que buscam promover o bem comum da sociedade através da paz. A terceira pauta se refere à semana de formação de professores na cidade de Santa Rosa, e a matéria é apresentada pelo Gabriel Garcia que mostra na prática a capacitação dos professores para usarem as ferramentas digitais dentro de sala de aula. Lisiane encerra dizendo que essa pauta será contada em detalhes em âmbito estadual.

Quinta-feira - 23/08/18: Neste dia a apresentadora começa falando ao vivo de um assunto que é um dos desejos da região, a ponte de ligação internacional entre Porto Xavier e San Javier na Argentina. Para essa produção são usadas imagens de satélites, imagem de ambas as cidades, brasileira e argentina, e informações sobre o assunto para deixar o telespectador a par da situação em que o projeto dessa futura obra se encontra, o que representaria um salto para a economia regional, favorecendo as importações e as vantagens econômicas. Voltando aos estúdios a apresentadora lembra que o mês de agosto é marcado pela celebração dos 26 anos da RBS TV Santa Rosa fazendo um convite para um evento. A terceira pauta e última do bloco fala sobre os constantes aumentos da tarifa de energia elétrica, e sobre como a mudança de hábito ajuda na economia. Ela indaga ainda sobre o que deve ser feito se é desperdiçada energia pública fazendo uma denúncia da prefeitura, órgão responsável pela iluminação nas vias públicas. São entrevistados moradores, além de ser trazidos dados dos gastos com energia para os cofres públicos, é apresentada a posição da secretaria responsável pela manutenção e um engenheiro eletricitista que dá alternativas para a economia nas vias públicas.

Sexta-feira - 24/08/18: Último programa analisado também é apresentado pela jornalista Lisiane Sackis. Neste bloco ela inicia falando sobre as baixas temperaturas e liga à outra pauta, a campanha de vacinação para as crianças, dando um aviso para os pais, mostrando imagens de crianças sendo vacinadas e apresentando dados. Sexta-feira é dia de 'Agenda' quadro onde o objetivo é falar de algumas programações do final de semana na região. Além disso, nesse dia também é apresentado o quadro 'JA ideias' onde a apresentadora recebe um convidado que concede entrevista sobre algum assunto, no dia em questão foi recebido a diretora da ONG Parceiro Voluntários de Santa Rosa, Luciana Sauressing. Na ocasião é falado do dia do desafio voluntário, dia realizado na data em que se comemora o dia nacional do voluntariado, quando as pessoas são desafiadas a realizar algum ato voluntário que beneficie de alguma forma

alguém. Após finalização Lisiane chama o intervalo e antecipa o próximo assunto do bloco estadual.

Após as análises é possível constatar em relação aos programas que durante toda a semana o JA foi apresentado pela coordenadora de jornalismo da emissora, Lisiane Sackis, já quando havia matérias em externas eram produzidas pelo repórter Gabriel Garcia. Todos os cinco programas possuíam a duração de cerca de cinco minutos cada, além de cada um deles abordar de dois a três assuntos por dia, como apresentados na tabela a seguir.

Tabela 1 - Assuntos abordados no decorrer dos blocos analisados

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Dia do vizinho no bairro Glória	Dia da família na escola Visconde de Cairu	Chegada do fogo simbólico da pátria	Ponte de ligação do estado à Argentina	Campanha de vacinação
Quadro: “Brasil que eu quero”	Projeto Quebrando o silêncio - <i>Bullying</i>	Justiça Restaurativa na região	Celebração 26 anos RBS TV Santa Rosa	Quadro: Agenda - principais eventos do final de semana
Animais nas rodovias		Formação de professores em Santa Rosa	Alto consumo de energia elétrica	Quadro: JA Ideias - Dia do voluntário

Fonte: Elaboração própria.

Nota-se que nos dias analisados nenhuma das pautas trata, como por exemplo, sobre violência. Os assuntos da semana se interligam por serem pautas pensadas no telespectador, no seu bem-estar, nas suas boas práticas. Como é o exemplo da pauta apresentada na segunda-feira sobre o dia do vizinho, a do dia da família na terça-feira, a da justiça restaurativa na quarta-feira e a do dia do voluntário na sexta-feira. Um alerta para os motoristas como a produção sobre os animais nas rodovias e uma denúncia como a matéria do alto consumo de energia elétrica nas vias públicas, já a celebração 26 anos RBS TV Santa Rosa e agenda com os principais eventos do final de semana podem se encaixar na parte dos avisos sobre entretenimento.

Observando tais assuntos percebe-se a importância do jornalismo no cotidiano das pessoas, as pautas da semana analisada serviram para além de informar, fazer denúncias de modo a cobrar resoluções por parte dos responsáveis, bem como mostrar exemplos positivos de

atitudes de maneira a despertar a vontade das pessoas praticarem o bem, de serem o bem e de semearem a paz.

Jorge Ijuim afirma que o jornalista na sua relação com o mundo precisa se esvaziar de preconceitos “de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume uma postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo” (2014, p. 14), mas também de empatia e de solidariedade às dores do mundo.

Humanizar o jornalismo é possível. A superação destas questões não depende de atitudes de uma parte ou de outra, mas de todos. Como argumenta Edward Said, a prática do humanismo e a prática da cidadania participativa são complementares. O objetivo do humanismo é tornar mais coisas acessíveis ao escrutínio crítico como o produto do trabalho humano, as energias humanas para a emancipação e o esclarecimento, além das interpretações errôneas do passado e do presente coletivo. (IJUIM, 2014, p.15).

Seguindo nessa perspectiva de jornalismo humanizado defendida por Ijuim pode-se dizer que a maioria das pautas produzidas no JA foram construídas pensando nas pessoas e no interesse de uma sociedade em um todo, nota-se isso quando se assiste as produções, elas não atendem interesses apenas de classe a, ou classe b, como por exemplo, mas fornecem informações pertinentes para todos os cidadãos, pois se informando através dessas produções eles se tornam cidadãos mais ativos, conhecedores da realidade onde vivem. Um jornalismo mais humano é aquele produzido sem pré-julgamentos, sem preconceitos, para isso o jornalista necessita alargar sua visão de mundo, ter um olhar mais empático e perceber que acima de tudo todos são iguais perante as leis, todos somos seres humanos possuidores de direitos e deveres, o jornalismo humanizado busca não estereotipar ou cair em generalizações apressadas.

Sobre o que se compreende por jornalismo humanizado, as pautas que seguiram a perspectiva humanizadora nos dias analisados foram: Dia da família na escola Visconde de Cairu, Projeto Quebrando o silêncio - *Bullying*, Justiça Restaurativa na região, Formação de professores em Santa Rosa, Alto consumo de energia elétrica, Campanha de vacinação, Quadro: JA Ideias - Dia do voluntário.

Tais pautas se encaixam nessa perspectiva, pois o ser humano é o ponto de partida e o ponto de chegada das produções, são produções inclusivas as quais não fazem exclusão baseadas em pré-conceitos, é um jornalismo pensado nas pessoas e para as pessoas. Além de que também busca ser livre de pré-julgamentos. Dessa forma buscando seguir o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos “Todos os seres humanos nascem livres e iguais

em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” (2009, p.4). Pelos dias analisados não foram tematizados e abordados assuntos interligados diretamente aos direitos humanos e nenhuma vez citado tal termo.

Quanto as fontes, em cada uma das pautas a emissora teve a preocupação em realizar entrevistas com as chamadas fontes técnicas, como professoras, policial, engenheiro, autoridades, coordenadora de ONG, casos esses analisados durante a pesquisa, bem como, houveram também entrevistas com a população, porém quando comparada as fontes técnicas elas aparecem em quantidade menor se sobressaindo assim as fontes institucionais assim não representando por vezes diversificadamente os segmentos sociais.

Analisando do ponto de vista dos direitos humanos, nota-se que a emissora busca através da produção de seus materiais levar informações pertinentes para toda a região noroeste, prestando assim um serviço social, garantindo o direito à informação dos cidadãos, de modo que apura e divulga objetivando a contribuição para a melhora da vida da sociedade, seja através de pautas que tenham cunho social ou pautas em formato de denúncia, que buscam ações por parte das autoridades.

Lisiane Sackis (2018) relata a preocupação da equipe em produzir um jornalismo mais humano “o jornalismo é feito por pessoas para as pessoas e precisa cada vez mais mostrar o que sentem como vivem as necessidades e as denúncias que precisam ser feitas para que a sociedade funcione.” Sackis (2018) ainda define que o jornalismo cumpre um papel social na sociedade e assume que “nosso papel é também de cobrança cada vez mais, as pessoas têm que encontrar utilidade e valor no trabalho jornalístico.”

O jornalismo humanizado deveria ser objetivo de todos os meios de comunicação, independente ser rádio, televisão, jornal, revista ou em plataformas digitais, além dessa humanização estar presente no jornalismo também deveria ser praticada por todos os cidadãos, pois a humanização não é uma prática só das mídias, todos devem ter um olhar mais humano para situações e pessoas ao seu redor, abrir mão de preconceitos e buscar conhecer mais sobre assuntos os quais por vezes se tem alguma visão errônea. Uma visão mais humana é preciso de modo a quebrar julgamentos e estereótipos para se buscar uma vivência em sociedade com maior equidade e respeito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o seu surgimento no século XIX, o jornalismo possui a mesma essência e função, a de levar informações até os cidadãos e de produzir conteúdos que sejam de interesse da população sendo assim a ponte entre as pessoas e a informação. A prática jornalística é capaz de ajudar a sociedade a compreender melhor o mundo, a se situar a respeito do que acontece perto e longe e também de formar opiniões e juízos de valor. Em meio a uma sociedade tecnizada, marcada pela violência e pelos discursos de ódio, considera-se essencial a prática de um jornalismo humanizado que cumpra um papel social, contribuindo para uma vida mais fraterna, justa, humana e de respeito à igualdade de direitos.

O jornalismo humanizado é um diferencial nos veículos de comunicação, muitos vêm buscando atingir essa prática, de modo a fazer um jornalismo mais plural, diversificado e livre de pré-conceitos ou preconceitos, ou seja, um jornalismo inclusivo que não faça distinções, porém muito se tem a fazer, tanto no telejornalismo como no jornalismo impresso, radiofônico e nos meios digitais. O jornalista precisa ter o pensamento aberto para que suas produções se pautem por uma visão mais humana com situações e pessoas. É necessária uma reflexão do papel do jornalismo na sociedade, a partir da prática dos profissionais, em repensar o modo que usam a linguagem e as representações que são criadas a partir das produções, já que os conteúdos produzidos colaboram para a formação do pensamento e identidade de uma época.

Esta monografia preocupou-se em analisar o jornalismo televisivo na região noroeste do Rio Grande do Sul, pela perspectiva do seu papel social, relacionado aos direitos humanos e como ele contribui para o conhecimento e a formação de opinião da sociedade, o que foi contemplado diante das observações e das interpretações realizadas. Foi muito importante para a complementação do estudo e para a formação de uma concepção mais amadurecida da área compreender o papel do jornalismo na sociedade da convergência como elemento de construção social e da cidadania, refletir sobre a importância da prática do jornalismo humanizado, explicitar os fundamentos do jornalismo, baseado na ética e nos direitos humanos e analisar a prática jornalística na perspectiva de um jornalismo humanizador por meio de uma pesquisa de campo na RBS TV – Santa Rosa.

A televisão é um meio de comunicação bastante presente no dia a dia da sociedade brasileira, seja por informação ou por entretenimento. Portanto, relacionar o papel social do jornalismo com o telejornalismo da RBS TV Santa Rosa fez-se necessário, pois o Jornal do Almoço é o único programa telejornalístico produzido na região de cobertura da emissora, a

qual leva informação, presta serviços à comunidade e contribui para manter viva a cultura e memória dos povos através de suas produções, colaborando também para a construção da identidade regional.

Há certa identificação com o programa por parte dos telespectadores pelo fato dele fazer parte do cotidiano da população, bem como, pela proximidade dos acontecimentos que são noticiados na programação local e por se tratar da única emissora da região. O tempo dedicado ao bloco local do JA é curto, fazendo com que as produções se tornem por vezes limitadas, levando em consideração a quantidade de cidades em que o sinal da emissora alcança, não sendo possível contemplar todas as regiões e cidades. A maioria das matérias e reportagens são produzidas sobre municípios próximos de Santa Rosa, até pela difícil locomoção das equipes, os locais mais distantes normalmente apresentam materiais divulgados através de nota, simples ou cobertos, com imagens e filmagens às vezes feitas pelos telespectadores e o tempo geralmente é menor do que de outras pautas.

Observa-se também que os conteúdos mais abordados na semana analisada possuem caráter humanizador, porque dizem respeito a pautas voltadas para o conhecimento e informação do cidadão, dedicadas a prestar um serviço à comunidade, que iniciam e terminam falando do ser humano em si, destacando-se a importância da prática de um jornalismo mais humano. Os desafios que se apresentam para o telejornalismo local, especificamente falando da RBS TV Santa Rosa, do ponto de vista do jornalismo humanizado e dos direitos humanos, é conseguir fazer com que os materiais produzidos, na maioria das vezes rapidamente dispendo de poucas pessoas durante a produção, atinjam e falem da sociedade de forma abrangente. Por se tratar de uma região interiorana por vezes há visões preconceituosas por parte da população, tentar quebrar esses preconceitos e fazer com que as produções façam as pessoas verem as pessoas com mais empatia e respeito também é um desafio.

O direito à informação é viabilizado pelo jornalismo e através dele os profissionais da área exercem uma função social importante, como por exemplo, na fiscalização do poder público. A prática jornalística então é considerada essencial no dia a dia das sociedades, pode-se dizer que sem o jornalismo a democracia se enfraquece. Já que o jornalismo é considerado o meio norteador da opinião dos cidadãos, cabe a ele pregar a importância da prática dos direitos humanos e uma visão mais humana para toda e qualquer situação. Ao final dessa pesquisa acredita-se ter conseguido refletir acerca do papel social do jornalismo e a importância de um jornalismo humanizado na prática dos direitos humanos para a construção da realidade e contribuição para o exercício da cidadania.

6. REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio TV e Novas mídias.** São Paulo: 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/309732597/Manual-de-Jornalismo-Para-Radio-TV-e-Novas-Midias-Nodrm#>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.>

_____, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV** Rio de Janeiro: Campus, 2002. 185 p. ISBN 85-352- 0994-8.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade.** São Paulo: Com-Arte; Editora da Universidade de São Paulo, 1990, 80 p. (Clássicos do Jornalismo Brasileiro; 2) Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_AImprensa_eo_dever_da_verdade.pdf> Acesso em: 20 de setembro de 2018.>

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo.** 2ª edição. São Paulo: Universidade de São Paulo (EDUSP), 1992.

CANCIO, Marcelo. **Telejornalismo descoberto: a origem da notícia no jornalismo televisivo regional.** Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística.** São Paulo: Summus, 1994, p.23.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** São Paulo. 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf> Acesso em: 05 de outubro de 2018.

CARVALHO, Joana Margarida Gaspar. **A imprensa regional e local: estudo de caso do jornal O Ribatejo Lisboa, 2013. Dissertação Mestrado.**

DORNELLES, Beatriz. **O localismo nos jornais do Interior.** Revista Famecos - Porto Alegre - v. 17 - 2010.

ENNINGER, Rossana Zott. **Análise Cultural Do Telejornalismo Local: Representação E Identidade Na Rbs Tv Santa Rosa.** Santa Maria, RS, Brasil 2015. **Dissertação de Mestrado.** Acesso em 25 de outubro de 2018. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/estudosculturais/arquivos/dissertacoes-mestrado/AN%C3%81LISE%20CULTURAL%20DO%20TELEJORNALISMO%20LOCAL%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O%20E%20IDENTIDADE%20NA%20RBS%20TV%20SANTA%20ROSA.pdf>>

Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Vitória, 04 de agosto de 2007.

FERREIRA, Gil Baptista. **Qual o papel do jornalismo nas democracias contemporâneas?** Jornalismo público e deliberação política. Coimbra, 2011.

FERREIRA, Raquel Marques Carriço, SANTOS, Adriana da Rosa. Telejornalismo regional: os critérios de noticiabilidade exibidos no bom dia Sergipe. **Revista ALTERJOR**. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP) - Ano 05 - Volume 01- Edição 09 - Janeiro-Junho de 2014.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide – Para uma teoria marxista do jornalismo**. In: Revista da Fenaj. Brasília, Ano I, n.1. maio. 1996.

GENTILLI, Victor. **Democracia de massas: jornalismo e cidadania**. EdUPUCRS, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=kQFhFU18fLgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 12 de setembro de 2018.

GLOBO PLAY – disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/6958622/programa>> Acesso em 02 de novembro de 2018.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

GUARESCHI, Pedrinho A. **O Direito Humano à Comunicação: pela democratização da mídia**. Petrópolis, RJ: 2013.

IJUIM, Jorge Kanehide. A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul./dez. 2009.

_____, Jorge Kanehide. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Revista Comunicação Midiática**, Unesp/Bauru, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2006.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade** - 4 ed. São Paulo: Summs, 2014.

Organização das Nações Unidas - **Declaração Universal dos Direitos Humanos** - UNIC / Rio / 005 - Agosto 2009.

PACCOLA, Carina. **O papel dos jornalistas e a democracia**. Porto Alegre, 2004 Núcleo de pesquisa 02 – Jornalismo - IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

PERUZZO, Cicilia M. Krohling – Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania - **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação** - Vol. XXV, nº2, julho/dezembro de 2002.

PESQUISA BRASILEIRA DE MÍDIA 2016 <<http://pesquisademidia.gov.br/>> acesso em: 20 de outubro de 2018.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. NASI, Lara. Jornalismo como campo mediador dos direitos humanos. **Comunicação & Sociedade** – São Bernardo do Campo, v. 39, n. 2, maio/ago. 2017.

_____, Vera Lucia Spacil. Direito à Informação: um requisito para a cidadania na sociedade contemporânea. In: BEDIN, Gilmar Antonio (Org.). **Cidadania, Direitos Humanos e Equidade**. 1. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2012, v. 1, p. 297-313.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. In LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. 3ªed. São Paulo: Summus, 2000.

SACKIS, L. C. P. **RBS TV Santa Rosa 20 anos: histórias e bastidores**. 1.ed. Santa Rosa: Coli Gráfica e Editora Ltda, 2012.

SANTOS, Raissa Nascimento Dos, **Jornalismo do Século XXI – Profissão, Identidade, Papel Social, Desafios Contemporâneos**. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teoria do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. São Paulo – Martins Fontes – 2008